

LITERATURA
Arte
NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

**A dimensão
estética na
Educação Infantil**

**A biblioteca infantil
oferece muito mais
linguagem do que
a que se usa na
vida cotidiana**

**Crescendo
entre livros**

**Pequenos leitores,
futuros cidadãos**



L I T E R A T U R A

Arte

N O C I C L O D E A L F A B E T I Z A Ç Ã O

Expe diem te

Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização, Revista #8, Ano 2024

Revista do Centro de Estudos
em Educação e Linguagem – CEEL

A Revista do Centro de Estudos em
Educação e Linguagem (CEEL) tem como
objetivo primordial promover um debate em
torno das produções culturais que circulam
dentro e fora da escola e que formam
leitores da literatura e da arte.

Organizadoras

Beatriz de Barros de Melo e Silva
Ester C. S. Rosa
Maria Helena Santos Dubeux
Telma Ferraz Leal

Apoio

Isabella Augusta de Carlo Furtado Bastos

Design

Breno Chamie – Projeto Gráfico
Rodrigo Fischer – Ilustrações
Maria Gabriela Alves Lima – Diagramação

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca do Centro de Educação da UFPE

L775 Literatura e arte no ciclo da alfabetização / UFPE, Centro
de Estudos em Educação e Linguagem. – Ano 1, n.1 (set. 2017)
Recife: CEEL/UFPE, 2017-.
Anual.
ISSN 2595-6086
Fascículo atual Ano 8, n. 8 (nov. 2024)
1. Literatura. 2. Arte. 3. Alfabetização. 4. Leitura. I. Silva,
Beatriz de Barros de Melo e (Org.). II. Rosa, Ester Calland
de Sousa e (Org.). III. Dubeaux, Maria Helena Santos e
(Org.). IV. Leal, Telma Ferraz (Org.).
372.4 CDD (22.ed.)

Autores/Autoras

Ana Carolina Perrusi Brandão
Ângela Maria Alexandre Ramalho
Beatriz de Barros de Melo e Silva
Carminha Bandeira
Caroline Teodósio
Catarine Pereira Cardoso
Célia Annette Tenório
Elias Machado de Farias Neto
Emmanuele de Nazareth Duarte Oliveira
Erenice da Silva Barbosa
Ester Calland de Sousa Rosa
Gustavo Bezerra
Isabella Augusta de Carlo Furtado Bastos
Isis Thayzi Silva de Souza.
Marcos Antonio da Silva Junior
Maria Betânia Andrade
Maria Emília Lins e Silva
Maria das Graças Vital de Melo
Maria de Fatima da Conceição Dutra
Millena Ventura
Miriam Pereira Lima
Natalia Andrade
Patrícia Vasconcelos
Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima
Reginaldo Marques Pereira
Rejane Pereira
Rosália Santos
Sandra Aparecida Vasconcelos
Tarcísio Camêlo
Telma Ferraz Leal
Vera Lúcia Rodrigues Patriota Silva
Wilma Pastor de Andrade Sousa
Ywanoska Gama

Revisora

Ana Lima

Parceiros

Programa Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas
Bibliotecas Comunitárias

Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura
Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães
Biblioteca Comunitária Cepoma
Biblioteca Comunitária Educ Guri
Biblioteca Comunitária Poço da Panela
Biblioteca Comunitária Mangueira da Torre
Biblioteca Multicultural Nascedouro
Biblioteca Peró
Biblioteca Popular do Coque
Biblioteca Comunitária das Formiguinhas MTST

Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco
Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco
Secretaria de Educação de Recife
Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores
Rede de Bibliotecas do Coque
Secretaria de Segurança Cidadã
Rede de Bibliotecas pela Paz – Compaz

Sumário

Editorial

Artigos

Desenvolvendo a criatividade na Educação Infantil: indo além do lugar-comum. Beatriz de Barros de Melo e Silva

A dimensão estética na Educação Infantil.
Maria das Graças Vital de Melo

Sementes do enraizamento, florescendo leituras de mundo.
Tarcísio Camêlo

A importância das Bibliotecas Comunitárias e os desafios desses espaços para a inclusão social das crianças com deficiência. Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima, Reginaldo Marques Pereira e Wilma Pastor de Andrade Sousa

Entrevistas

Teresa França. Arte educação: nutrir o olhar, o sentir e o desejar das crianças, por Beatriz de Barros

Edith Sanchez. A biblioteca infantil oferece muito mais linguagem do que a que se usa na vida cotidiana, por Ester Rosa e Maria Betânia Andrade.

Poesia/Conto

Alfabetização – Telma Ferraz

Rebento – Telma Ferraz

Entardecer – Célia Annette Tenório

Relatos de experiências

Pequenos leitores, futuros cidadãos. Caroline Teodósio

A Biblioteca vai à comunidade - das margens do Lago João Barbosa aos quilombos remanescentes.
Patrícia Vasconcelos.
Colaboração: Erenice da Silva Barbosa e Miriam Pereira Lima

Brincando com o tempo: descobrindo as raízes do município de Feira Nova.
Elías Machado de Farias Neto e Sandra Aparecida Vasconcelos

Depoimentos

Processos formativos, extensão e mediação de leitura: uma imersão nas bibliotecas comunitárias. Ywanoska Gama e Maria Emília Lins e Silva

A literatura e o sonho por uma cidade digna para as crianças sem-teto. Maria de Fatima da Conceição Dutra, Isis Thayzi Silva de Souza, Marcos Antonio da Silva Junior e Emmanuele de Nazareth Duarte Oliveira

Crescendo entre livros: como a colaboração entre bibliotecas transforma a prática pedagógica na Educação Infantil em Fernando de Noronha.
Catarine Pereira Cardoso e Gustavo Bezerra

Fanzine: um gênero textual apaixonante.
Isabella Augusta de Carlo Furtado Bastos, em parceria com Carminha Bandeira

Cenas de leituras

Bebês leitores no CMEI Prof. Paulo Rosas.
Ana Carolina Perrusi Brandão

Sugestões de atividades

Movimentar o corpo com a bola
Rosália Santos

Brincando com folhas da natureza
Rosália Santos

História do nome
Maria das Graças Vital de Melo

Livro em movimento
Vera Lúcia Rodrigues Patriota Silva

Narrativas de Griot: um encontro com a oralidade
Millena Ventura, Natalia Andrade, Rejane Pereira, Telma Leal

Lugares para visitar

Praças públicas.
Maria das Graças Vital de Melo

Biblioteca: eu recomendo

A biblioteca na Unidade Acadêmica de Educação Básica-UFCG
Ângela Maria Alexandre Ramalho

Resenhas

Uma história atrapalhada.

- Gianni Rodari; Alessandro Sanna; Telma Leal

Anne com E.

- Lucy Maud Montgomery. Telma Leal.

Um pouco de humor e apurando o olhar

Beatriz de Barros de Melo e Silva

Editorial

Este volume da Revista tem um direcionamento especial, com um destaque presente nos artigos, entrevistas, relatos, depoimentos, cenas de leitura, sugestões de atividades e na recomendação da biblioteca: são as crianças menores de 6 anos, enquanto sujeitos criativos, com suas demandas e expressões próprias, sensibilidade estética, características como leitoras, que participam ativamente de encontros mediados por livros e histórias, são interagentes de bibliotecas, precisam ser cuidadas e educadas em espaços públicos, como unidades de EI, bibliotecas e praças... As crianças pequenas e seus gestos leitores também se fazem presentes nos desenhos de Rodrigo Fischer, que mais uma vez é o ilustrador deste volume.

Além desse destaque, você irá reencontrar na Revista a temática predominante nos números anteriores: práticas de mediação de leitura em escolas, bibliotecas comunitárias e públicas. Vai conhecer mais sobre a comunicação, na rede de bibliotecas comunitárias integrantes da Releitura, e sobre a inclusão

de crianças com deficiência na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães. Lerá relatos e conhecerá experiências articuladas em bibliotecas públicas – em Fernando de Noronha, Feira Nova, Triunfo – e através do Programa de Extensão Bibliotecas Comunitárias na UFPE – incluindo aí o Sebo e o seu Fanzine. Poemas, resenhas (de livros e de filmes), reproduções de obras de arte, tirinhas e um pouco de humor complementam as leituras que o volume disponibiliza.

A parceria com a equipe do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada e a inclusão da Revista como material de leitura do Curso Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI) no Nordeste agregam novos mediadores entre nossos leitores e ampliam as possibilidades de novos vínculos e parcerias.

Boa leitura!
As organizadoras



Artigos



Desenvolvendo a criatividade na Educação Infantil: indo além do lugar-comum

Beatriz de Barros de Melo e Silva

Tratar do tema criatividade na educação tem se mostrado necessário, considerando que ainda encontramos práticas perniciosas ao seu desenvolvimento no cotidiano das nossas escolas e redes de ensino. Um exemplo marcante é vermos professores/as com currículo vasto solicitando ainda pintura de desenhos mimeografados e completando a tarefa com o comando “Faça um colorido bem bonito”.

Neste artigo pretendemos, mesmo que rapidamente, apresentar alguns caminhos para a ampliação da criatividade na Educação Infantil na perspectiva educativa; ou seja, mostrar como a criatividade, de fato, propicia crescimento e apoia as aquisições de aprendizagens significativas.

A intenção é ir além do lugar-comum, do clichê. É muito comum ouvir que alguma atividade é indicada porque desenvolve a criatividade da criança... e, quando vamos verificar, chegamos à conclusão de que ou não se sabe o que é criatividade ou erraram na indicação. Assim, usaremos a ideia do lugar-comum para iniciar a nossa reflexão e compreender de onde estamos partindo. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, “lugar-comum (ou chavão ou clichê) é a frase, imagem, construção ou combinação de palavras que se torna desgastada pela repetição excessiva e perde a força original.”. Em alguns manuais, podemos encontrar outros sentidos para essa expressão: 1. Trivialidade; 2. Ideia já muito batida; 3. Expressão ou frase usada vulgarmente; 4. Frase feita (Estadão – Manual de Redação).

Segundo a filósofa Anne Cauquelin,

os lugares-comuns são as proposições e crenças comuns que se instalam por repetição e forjam os hábitos de pensar, de sentir e de perceber. O que se denomina cultura [...] Na expressão lugares-comuns, se lugares designa perfeitamente os ‘pacotes’ de sentido, comuns designa, por sua vez, a partilha desse sentido entre todos que formam a comunidade: o ‘bom senso’ é o resultado da aceitação e da afirmação repetida desses lugares-comuns. (Cauquelin, 2005, p. 164)

A autora chama a nossa atenção em relação ao trabalho da doxa, que, é o da “coesão social”, é “trama bem tecida”, e completa: “A cultura é exatamente esse tecido de lugares-comuns costurados pela doxa, aos quais todos nós aderimos em uma dada comunidade.” (Idem, ibidem).

Resumidamente, relacionadas ao tema da criatividade, ideias, muitas frases repetidas e algumas opiniões são proferidas nas nossas redes de ensino, porém, sem base em nenhum estudo ou conhecimento além da doxa

Sobre a autora

Professora de Artes Visuais aposentada do Colégio de Aplicação da UFPE. Membro do CEEL.

Como temos “encontrado” a criatividade na Educação Infantil.

Como elementos da *doxa*, relacionadas ao desenvolvimento da criatividade destacamos as crenças de que:

1. a criatividade é inata. É um dom, acontece naturalmente. É talento. Só algumas pessoas especiais são criativas;
2. as crianças criativas são as que sabem desenhar bem: uma criança que desde pequena pinta a árvore verde, o céu azul e as pessoas com a “cor da pele”;
3. o “ato criativo” acontece quando o ambiente é propício

Essas ideias atrapalham imensamente a condução pedagógica para o exercício da criatividade em sala de aula. Se tudo é tão determinado e definido, por que investir em exercícios para o seu desenvolvimento?

A compreensão dos estudiosos da criatividade é bem diferente da que encontramos no senso comum, a começar por Vigotski, que registra:

No sentido vulgar da palavra, a criatividade é privilégio de pessoas seletas, gênios, talentos, autores de grandes obras de arte, de grandes descobertas científicas ou importantes aperfeiçoamento tecnológico. [...] tendemos a pensar que a criatividade não existe na vida do homem comum. (Vigotski, 2014, p. 5)

Vigotski defende, em toda a sua obra, que a atividade criativa é a atividade humana criadora de algo novo, é uma capacidade que precisa ser desenvolvida. Ela não é dom. Ela é fruto da interação com o entorno, o ambiente sociocultural, sendo estimulada e impulsionada pelos processos de desenvolvimento humano e a aprendizagem.

A criatividade não está obrigatoriamente ligada apenas ao campo das atividades artísticas, mas a toda ação humana. Torre (2005, p. 24) chama a atenção para a consciência humana, afirmando que vem dela a percepção de problemas, motor da criação. E defende que a educação tem “um papel fundamental para criar clima de estimulação criativa em qualquer âmbito da atividade humana”.

Criatividade na Educação Infantil

Segundo Fleith (2007), desenvolver criatividade significa proporcionar condições para o exercício de habilidades criativas. Essas condições dizem respeito às vivências de atividades que envolvam desafios e resolução de problemas desde os primeiros estágios de aprendizagem.

Na Educação Infantil, a manifestação da criatividade é a fantasia, quando a produção de imagens e gestos são alheias à realidade circundante, porém está em desenvolvimento a capacidade de sentir – experimentando as sensações de estímulos – e de perceber – interpretando esses estímulos, dando significados.

[...] quanto mais a criança vir, ouvir e experimentar, quanto mais aprender e assimilar, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência, mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa. (Vigotski, 2014, p. 13)

Assim, vamos demarcar a seguir algumas ações que concorrem para o desenvolvimento de habilidades criadoras na Educação Infantil..

O **brincar e as brincadeiras** proporcionam experiências de imaginação criadora e consequentemente de autoria. Tanto o brincar livre quanto o brincar dirigido podem exercitar a atenção, a memória, a imitação e a imaginação. Fernández explica que:

brincar permite-nos fazer a experiência de tomar a realidade do objeto para transformá-la ou, o que é o mesmo, de transformar a realidade aceitando os limites que ela nos impõe.

Quando uma menina brinca com sua boneca, ela inventa as cenas, inventa o relato. [...] Quando uma criança brinca, realiza a tarefa de construção e reconstrução permanente. (Fernández, 2001, pp. 128; 130)

A interação com o outro e com o entorno propicia o exercício da criatividade, pois sendo ela muito mais que originalidade – é também fluência, flexibilidade e sensibilidade de captar problemas –, o enfrentamento e as situações diferentes levam a criança a selecionar caminhos para a convivência e a interação. Caso ela tenha a oportunidade de, inicialmente, captar problemas, e tenha mais ainda liberdade de decidir seus percursos de resolução, exercitará a sua fluência – partindo do problema, experimentando as muitas possibilidades de respostas; ou sua flexibilidade, que é a habilidade de mudar de direção a partir de um problema, percorrendo vários caminhos até chegar a uma solução. Fernández defende que

a escola, sendo o lugar onde alunas e alunos encontram-se com adultos investidos do poder de ensinar, pode possibilitar a potência criativa do brincar e do aprender da criança. Isso somente se consegue com ensinantes que desfrutem o aprender, o brincar com as ideias e as palavras, com o sentido do humor, com as perguntas de seus alunos. Que não se obriguem à urgência de dar respostas certas; ao contrário, que consigam construir novas perguntas a partir das perguntas de seus alunos. (Fernández, 2001, p. 36)

Não é à toa que tanto a brincadeira quanto as interações sejam hoje os eixos estruturantes das práticas pedagógicas da Educação Infantil. O uso de jogos criativos na Educação Infantil precisa ser resgatado na rotina. Falamos aqui dos jogos com regras, os de observação, percepção, discriminação. Jogos de montar peças, de manipulação de blocos; quebra-cabeças com poucas peças e grandes. Jogos de memória também são de grande valia, pois abrangem aspectos da criatividade que nem sempre são lembrados: o redefinir e o rearranjar.

As experiências com as linguagens artísticas coroam a nossa lista de possibilidades de exercícios para desenvolver a criatividade. Neste aspecto a originalidade, a análise e a síntese, dentre as outras habilidades, são destaque. A análise é a capacidade de perceber, de distinguir partes de um todo. Cada uma das linguagens artísticas propicia diferentes tipos de análise, de acordo com a modalidade sensorial. Tratamos de análise visual, auditiva, gestual. A análise é suporte para dar significação. A síntese é a habilidade de juntar, amalgamar partes na construção de significados e na construção de novos produtos. A originalidade é a habilidade de ter ideias diferentes das apresentadas anteriormente, seja por um adulto ou por um colega, ou mesmo pela própria pessoa.

No teatro, os jogos de mímica e a produção com bonecos, desde o boneco de luva, passando pelo mamulengo, ampliam enormemente a imaginação criadora e são vivências de habilidades de arranjo e rearranjo em sua construção. O trabalho com composição de máscaras com diferentes expressões e o seu uso em pequenas apresentações mobiliza a fantasia e o desempenho corporal. A identificação de personagens e as improvisações a partir deles é reconhecimento de características e oportunidade de sair pela porta da decisão, quando define as características a serem elaboradas na constituição de sua narrativa improvisada. A utilização de jogos dramáticos vindos das vivências do teatro, por exemplo, coloca a criança em situações de resolução de cenas/espacos/decisões das mais diversas, para chegar a um resultado aceito por ela mesma.

A dança proporciona conhecimento do próprio corpo, seus limites, possibilidades, noções de espaço, direções, ocupações e tempo do movimento. É na brincadeira e na interação que o corpo infantil deve se mover, expressando emoções e necessidades. Deve ser papel da escola a garantia de a criança se apropriar

de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras (BNCC - campo de experiências Corpo, gestos e movimentos), levando sempre em consideração os princípios estéticos, preconizado pelas Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil - “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.” (Brasil, 2010, p. 18).

Nas artes visuais, o desenho e a modelagem, as produções com volumes, mesmo com sucata, são as bases do trabalho na Educação Infantil. O uso de materiais diversificados e as diferentes maneiras de manipulação proporcionam compreensão e consciência progressiva dos modos como experimentar o entorno, levando à construção de novos gestos, portanto originais significados. Explorar cores, texturas, superfícies, formas, volumes e planos também desenvolve a fluência ideativa e a verbal, pois amplia repertórios e imaginação criadora.

Na música, a identificação e discriminação dos sons do entorno oportuniza leituras variadas de mundo. Criar seus próprios sons vindos da percussão corporal e do uso de materiais e objetos sonoros amplia em muito a produção infantil. Vivenciar brincadeiras cantadas, cantigas de roda e músicas acumulativas proporciona desafios e antecipação de ações seguintes. A função da escola é garantir que essas vivências e aquisições sejam obtidas a partir das brincadeiras, das encenações como um todo orgânico.

A literatura precisa estar em salas da Educação Infantil, se quisermos desenvolver a criatividade das crianças. A contação de histórias, a leitura de diferentes gêneros, os contos de fada concorrem para a elaboração das próprias narrativas. A contação de histórias e o relato por parte da criança passam pelo exercício da análise e da síntese necessárias para a produção, levam a selecionar os momentos fortes e a procurar sua própria maneira de contar os sentimentos que suscitaram da história. O resultado é sempre um rearranjo das ideias.

A BNCC (Brasil, 2018, p. 39) destaca que “parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças”. Assim, o educador deve ter claro a importância da intencionalidade educativa em sua prática pedagógica, propondo experiências que propiciem o exercício da criatividade. E deverá ir além, compreendendo seu papel fundamental para o desenvolvimento da criatividade, cuidar dos comportamentos em sala de aula: dando tempo para a criança pensar e desenvolver suas ideias; valorizando produtos e ideias criativas; estimulando o imaginar outros caminhos e apresentar outras opiniões; oportunizando o escolher e selecionar; criando um clima em que as experiências e atividades sejam prazerosas; cultivando o senso de humor (Alencar e Fleith, 2003).

Concluindo, lembramos que Fleith (2007) demarca que a escassez de informação sobre criatividade e as lacunas na formação do/a professor/a explicam o desconhecimento dos/as professores/as acerca das ferramentas direcionadas à expressão criativa, fazendo com que eles/as acabem por utilizar, de forma quase intuitiva, os poucos conhecimentos que têm.

Assim, registramos a necessidade da formação continuada e a não aceitação da doxa que persiste em caracterizar a criatividade como dom, como aspecto de alguns poucos. Precisamos também de uma organização de espaço, tempo, materiais, além do conhecimento do objeto com que trabalhamos – a infância, suas necessidades e possibilidades.

Quando Cauquelin (2005, p. 20) discute a doxa como compreensão enganosa, relacionamos uma terceira crença: o “ato criativo” acontece quando o ambiente é propício. De fato, a criatividade em muito pode ser ampliada caso o ambiente e os adultos ali relacionados propiciem a pesquisa, a manipulação, aceitem os erros e acolham as frustrações de maneira saudável. Porém, demarcar que é um “ato criativo” também nos leva a não compreender que é percurso, que é construção, elaboração, e que a cada dia, nas salas da Educação Infantil, estamos concorrendo para a formação de seres humanos criadores, com habilidades desenvolvidas para as necessárias intervenções no mundo.

Referências

ALENCAR, Eunice Soriano e FLEITH, Denise de Souza. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins, 2005.

FERNÁNDEZ, Alícia. O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FLEITH, Denise. in VIRGULIM, Ângela M.R. (org.). Talento criativo: expressão em múltiplos contextos. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

LUGAR-COMUM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/lugar-comum>. Acesso em 18 maio 2024.

LUGAR-COMUM. Estadão – Manual de Redação. Disponível em: [https://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/lugarcomum#:~:text=O%20lugar%2Dcomum%20\(ou%20chav%C3%A3o,superado%2C%20envelhecido%20e%20sem%20imagina%C3%A7%C3%A3o](https://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/lugarcomum#:~:text=O%20lugar%2Dcomum%20(ou%20chav%C3%A3o,superado%2C%20envelhecido%20e%20sem%20imagina%C3%A7%C3%A3o). Acesso em 18 maio 2024.

SAUNDERS, Robert. A educação criadora nas artes. São Paulo: AR'TE, 1984. V.3, n. 10, p.18-23.

TORRE, Saturnino de la. Dialogado com a criatividade. São Paulo: Madras, 2005.

VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criatividade na infância. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.



A dimensão estética na Educação Infantil

Maria das Graças Vital de Melo

Abordar a questão da dimensão estética na educação de crianças de 0 a 5 anos, que demandam creches e pré-escolas, é algo bastante explorado no meio acadêmico e nos espaços públicos responsáveis pela organização e funcionamento da Educação Básica no Brasil. Existem muitos escritos a respeito do assunto, desde documentos oficiais do Ministério de Educação (MEC) que regulamentam essa etapa de ensino, até artigos e relatos de experiências que teorizam e refletem sobre práticas pedagógicas contemporâneas. No entanto, acreditamos que sempre podemos tratar o assunto de um ponto de vista diferente e, com isso, acrescentar alguns elementos que possam contribuir para suscitar novos questionamentos e novas perspectivas a respeito de velhas questões.

Assim, temos como objetivo principal, com este artigo, fazer uma rápida explanação sobre questões de natureza institucional e discorrer sobre a relação intrínseca entre a dimensão estética na Educação Infantil e a fala, a escuta e o brincar da criança – como atividades fundamentais ao seu desenvolvimento integral e à construção de sua sensibilidade estética.

O que significa então a dimensão estética? A palavra ‘estética’ é derivada do grego *aesthesis* e significa sensação, sentimento, conhecimento sensorial; ou seja, tem a ver com a capacidade humana de sentir o mundo, de senti-lo organizadamente, conferindo à realidade um significado. Roldão (2023, p. 2), ao discutir a obra Sobre a Estética de Edgar Morin, enfatiza que a estética não se relaciona apenas à arte: “Ela é definida como um componente integrante da sensibilidade humana, e pode voltar-se tanto para a arte como para a natureza, ou referir-se a aspectos da vida cotidiana, ou ainda da imaginação, através da combinação de cores, sons, narrativas etc.”

A estética é considerada como uma estrutura do corpo, que está além da dimensão orgânica e precede as dimensões da linguagem e da ação (Pain, s/d). Dessa forma, a dimensão estética se refere à sensibilidade do ser humano que engloba a experiência sensível, emocional, relacional. Por meio dos sentidos (visão, audição, olfato, tato, paladar), a criança adquire informações e vai organizando seu conhecimento da realidade através dos significados afetivos e culturais que são impressos no seu corpo a partir das relações interpessoais, no contexto familiar e escolar.

Torna-se necessário, aqui, apresentarmos nossa compreensão de corpo. Fernández (1991) faz a distinção entre o corpo e o organismo. O organismo é a infraestrutura sensorial, biológica, herdada, na qual a inscrição de um corpo vai se constituir. O corpo é o organismo significado, que vai se formando através do processo de interação; é uma construção afetiva e cultural. É pelo corpo que a criança interage com o outro e com o mundo. É no corpo que a criança se constitui como sujeito, a partir de experiências relacionais que ela vai vivendo ao longo de sua trajetória sociocultural. É o corpo que aprende, tem história, fala/escuta, brinca, inventa, cria, faz arte, significa e é significado.

Em termos gerais, portanto, a dimensão estética tem a ver com o aspecto da experiência do ser humano que envolve a corporeidade, além da apreciação, percepção e criação da beleza – seja na natureza ou na cultura – e o significado dessa experiência na sua história de vida. Ela abrange as formas como as pessoas interagem cotidianamente e se concretiza através de elementos visuais, auditivos, táteis, gustativos e olfativos.

A dimensão estética na Educação Infantil se refere ao desenvolvimento da sensibilidade da criança no processo de exploração, experimentação, significação da/na realidade e expressão de sentimentos, emoções e ideias por meio da fala, da escuta, do brincar e da produção artística. Além disso, envolve a percepção e a apreciação da beleza nas diversas formas de expressão humana, valorizando a diversidade e promovendo o respeito às diferentes manifestações artísticas e culturais. Promove ainda o desenvolvimento e fortalecimento da capacidade criativa, imaginativa, expressiva, da socialização, das linguagens verbal e não verbal, e da capacidade de resolução de problemas.

Os documentos do MEC reconhecem a importância da dimensão estética no desenvolvimento integral das crianças e fornecem diretrizes e princípios para sua inclusão no currículo escolar, como podemos observar nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, Brasil, 2010) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2017).

Sobre a autora

Sobre a autora: Técnica em Assuntos Educacionais, aposentada do Centro de Educação da UFPE

As DCNEI, no item 4, estabelecem os seguintes princípios a serem respeitados pelas propostas pedagógicas dessa modalidade de ensino: éticos, políticos e estéticos. Esses princípios se complementam e representam a formação integral do ser humano. Com relação aos princípios estéticos “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (Brasil, 2010), a BNCC, no item 3.2, explicita: “A estética diz respeito à formação da sensibilidade capaz de apreciar e elevar a imaginação e permitir a criação, capacidades importantes para o desenvolvimento integral da criança” (Brasil, 2017).

Além disso, no item 11, as DCNEI estabelecem como eixos norteadores das práticas pedagógicas as interações e as brincadeiras, vivências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de “conhecimento de si e do mundo por meio de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade [...]”, o que contribui para a aprendizagem, o desenvolvimento integral e a socialização da criança. Ademais, essas práticas devem fomentar “a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical”, além de possibilitar “vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade” e promover “o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura”, dentre outras garantias de aprendizagem que não estão intrinsecamente ligadas à dimensão estética (Brasil, 2010)

A BNCC, no item 3.2 (objetivos de aprendizagem e desenvolvimento), orienta quanto a esta etapa da Educação Básica: “Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos, quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diferentes campos de experiências, sempre tomando as interações e as brincadeiras como eixos estruturantes.” (Brasil, 2017)

Com base nas DCNEI, a BNCC definiu cinco campos de experiências que se relacionam aos saberes e conhecimentos fundamentais a serem propiciados às crianças e associados às suas experiências cotidianas, quais sejam: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (Brasil, 2017). Esses campos de experiência estão relacionados à dimensão estética, pois a criança, nos primeiros anos de vida, faz experiências exploratórias, expressa-se e interage por meio de seu corpo – um corpo que sente, pensa e age de forma harmônica e coerente; um corpo que se constrói nas relações com o outro e com o mundo natural e cultural; um corpo que é, antes de tudo, sensível.

Como observamos, a estética abrange aspectos da sensibilidade – tudo o que a criança sente com relação a si, ao outro e ao mundo – e da expressividade – a forma como ela se expressa, seja individual ou coletivamente, utilizando-se de diferentes linguagens, através da fala/escuta, escrita, pintura, dança, música, gestos, brincadeiras, dentre outras possibilidades.

O ambiente educativo deve ser acolhedor, respeitando e incentivando a fala das crianças. O/A educador/a e todos os profissionais das instituições de Educação Infantil precisam criar um ambiente seguro para que as crianças se expressem oralmente com confiança e espontaneidade, e tenham as primeiras experiências com a linguagem escrita através de atividades como contação de histórias, poemas, histórias em quadrinho, jogos de palavras, parlendas, trava-línguas, músicas, dentre outras. É importante que, após a realização de cada atividade que vise ao desenvolvimento da oralidade, haja uma roda de conversa para que as crianças possam trazer suas impressões e sentimentos sobre a experiência, de forma que esse espaço se constitua em um exercício de fala/escuta consciente. A fala da criança não se restringe à oralidade, mas engloba gestos, expressões faciais, posturas, movimentos corporais, choro, silêncio (não um corpo silenciado), agressividade, além da palavra dita. O corpo da criança é seu principal meio de interação com os outros e com o ambiente: um corpo que fala, mesmo quando se cala.

A escuta ativa é essencial para o desenvolvimento da sensibilidade auditiva da criança e para a apreciação dos sons naturais e/ou culturais, além das narrativas orais. Com relação à escuta ativa, Fernández (2012, p. 43) escreve: “O organismo nos provê de ouvidos, mas é no espaço intersubjetivo que aprendemos a escutar. O organismo facilita o ver e o ouvir, mas é no corpo (que não existiria sem a relação amorosa com outros) que se produz a aprendizagem de escutar e olhar”. Assim, o espaço de diálogo entre educador e crianças – como a roda de conversa, por exemplo – possibilita que elas aprendam por meio do escutar. O silêncio é tão importante quanto a palavra proferida. É nesse espaço/posição de escuta que a criança vai sentindo (e sentindo-se), ouvindo (e ouvindo-se), significando (e significando-se). Ao ouvir histórias, músicas, sons diversos – escuta sensível –, as crianças ampliam seu repertório cultural, desenvolvem sua capacidade de perceber e interpretar informações sonoras de forma sensível e criativa e produzem significativamente silêncios e palavras, memórias e histórias. Para Fernández (2012, p. 46), “[...] a dimensão estética, a gestualidade e a musicalidade não apenas têm uma entidade própria, como formam a linguagem verbal”.

O brincar é a forma mais elementar de a criança experimentar a realidade objetiva e edificar a subjetividade; comunicar-se praticando a escuta recíproca e expressar-se falando pelos sentidos, pelos movimentos identificatórios, pelos gestos, que são, ao mesmo tempo, individuais e culturais. O brincar é expressão verbal e não verbal que permite a construção da corporeidade, exercitando a criatividade, sensibilidade estética e imaginação. Segundo Vygotsky (1989), a imaginação origina-se na ação, e a ação primordial da criança está no brincar. Durante o brincar, a criança explora o mundo ao seu redor, experimenta diferentes papéis e situações sociais, transforma objetos e relações, transita em diferentes espaços e tempos; sente (e sente-se), pensa (e pensa-se), transforma (e transforma-se), aprende e apreende o mundo objetivo e intersubjetivo. Em suma, o brincar propicia a experimentação, a descoberta, a expressividade espontânea e criativa da criança. “Todas as atividades atencionais sustentam-se no espaço transicional do brincar e da criatividade.” (Fernández, 2012, p. 36)

No espaço transicional (Winnicott, 1975), a criança também brinca com as palavras, com as ideias, e as transforma em brinquedos. “[...] na genuína alegria do brincar, desenvolve-se a capacidade atencional que nos permite aprender, entre outras coisas, a falar e a escrever, que é utilizar as letras que outros nos dão para poder enunciar nosso próprio dizer.” (Fernandez, 2012, p. 49)

O espaço educativo próprio para a Educação Infantil é o espaço lúdico, no qual a criança possa jogar, brincar e fazer arte aprendendo; e aprender jogando, brincando e fazendo arte. Nesse espaço a criança transita entre a realidade e a fantasia, entre suas experiências afetivas e a complexidade cultural, de forma prazerosa, espontânea, segura e saudável, o que possibilita a formação de crianças desejantes, independentes e com autonomia quanto à realização de atividades cotidianas e à capacidade de fazer escolhas e tomar decisões, tendo respeito por si e pelo mundo ao redor. “A primeira experiência de autoria é no brincar. Algo que se faz sem que haja demanda do outro e sem exigência da necessidade.” (Fernández, 2012, p. 77)

Para isso, consideramos importante o planejamento e a realização de propostas educativas na Educação Infantil que tenham como um dos principais fundamentos a dimensão estética: atividades de apreciação, exploração e experimentação sensorial, tanto do ambiente natural quanto da produção artística e cultural; jogos e brincadeiras que envolvam observação – educação da sensibilidade –, diálogo – exercício da fala e da escuta ativa –, e vivências corporais – musicalidade, gestualidade; apreciação e criação por meio das diferentes linguagens artísticas, incluindo contação de história, teatro de bonecos, literatura e poesia – propiciando a construção de imagens, metáforas, brincadeiras, o que permite a criança autorizar-se a aprender/pensar/criar.

Um processo educativo que contemple a dimensão estética na Educação Infantil requer, portanto, tempo, atenção, respeito e comprometimento por parte de todos os sujeitos envolvidos. Há beleza no processo educativo que investe no desenvolvimento da autonomia das crianças e na formação de sujeitos autores. Quando uma criança cria suas brincadeiras, pronuncia sua palavra, observa seus feitos, ela se reconhece autora dos próprios pensamentos, ela se autoriza a aprender, reconhece a importância dos outros em suas diferenças, e as respeita.

Aprendemos a respeitar os outros, o mundo e nós mesmos porque somos escutados, respeitados em nossas diferenças, cuidados, atendidos em nossas necessidades. Aprendemos a produzir beleza porque foram criadas condições que nos possibilitaram dizermos a nossa palavra, fazermos as nossas escolhas, produzirmos realidades coloridas, imaginadoras, utópicas, diversas.



Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 4/2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017.
- FERNÁNDEZ, Alícia. A atenção aprisionada: psicopedagogia da capacidade atencional. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FERNÁNDEZ, Alícia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- PAIN, Sara. La estructura estética del pensamiento. In: Revista E.PSI.B.A. Buenos Aires, nº 8, p. 4-15, s/d.
- ROLDÃO, Flávia D. Sobre a estética: a sensibilidade na vida segundo o pensamento de Edgar Morin. In: Saberes Plurais: Educação na Saúde, UFRGS, v. 7, nº 1, jan./jun., 2023.
- WINNICOTT, Donald. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: IMAGO Editora Ltda. 1975.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Sementes do enraizamento, florescendo leituras de mundo

Tarcísio Camêlo

As sementes do enraizamento florescem nos solos férteis das bibliotecas comunitárias a partir das práticas de mediações de leitura e culturais. Este artigo tem como intuito deixar em relevo as vivências e estudos sobre as ações das redes de leituras RNBC – Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, em especial a Releitura – Bibliotecas Comunitárias em Rede, de Pernambuco, evidenciando suas práticas orgânicas e a compreensão sobre mediações culturais e envolvimento comunitários.

Os territórios onde as bibliotecas comunitárias das redes de leitura estão inseridas possuem uma geografia própria constituída pelo espaço geográfico, mas também pelas relações humanas que são construídas entre os seus habitantes a partir da dinâmica, articulação e interação social que estabelecem envolvimento comunitários que nos ajudam a compreender o conjunto de relações entre a sociedade e o ambiente.

As bibliotecas comunitárias das redes de leitura, em sua maioria, são espaços físicos criados e mantidos por iniciativas de grupos e movimentos comunitários a partir de envolvimento orgânicos, geralmente sem a intervenção do poder público, para suprir a falta de acesso à informação e à cultura em áreas periféricas. Desta maneira, as bibliotecas comunitárias assumem um papel fundamental na sociedade e se consolidam como um espaço de promoção à informação, sendo meios importantes de democratização do acesso ao livro, do conhecimento e da cultura, e contribuindo também de forma significativa para o desenvolvimento social e fortalecimento da integração orgânica com o território.

O geógrafo Milton Santos (2003) destaca a força da integração orgânica com o território a partir dos movimentos da sociedade e da cultura popular destacados na expressividade dos seus símbolos, manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas, pondo em relevo essas práticas de envolvimento como fundamentais para assegurar a permanência dos movimentos.

As bibliotecas comunitárias, como um dos principais espaços culturais do território, desempenham um papel essencial na promoção da cultura popular, atuando como espaços vivos de leitura que conectam a comunidade à sua história e memória, através de diversas atividades que valorizam as diferentes formas de expressão artística e social, aproximando a leitura literária e a memória afetiva de outras linguagens de expressões populares, e assim fortalecendo o senso de pertencimento e envolvimento das pessoas, o que colabora com a permanência da biblioteca no território.

Consequentemente, as bibliotecas comunitárias atuam na formação da leitura crítica de mundo a partir das várias leituras que precedem a palavra e contextos vivenciados pela comunidade. Nesse viés, segundo Paulo Freire (1989), em seu livro “A importância do ato de ler”, a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, contextos, leituras de mundo e conhecimentos, e que envolve compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica. O autor destaca a importância de uma “leitura do mundo”, que precede a leitura da palavra. Para ele, a leitura é

[...] processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (Freire, 1989, p. 9)

Sobre a autora

Tarcísio Camêlo é pernambucano, jornalista e educador. É pós-graduado em Tecnologias da Aprendizagem e atualmente trabalha como educador da Releitura - Bibliotecas Comunitárias em Rede.

Em vista disso, a literatura é compreendida pelas bibliotecas comunitárias como uma forma de expressão artística que transcende as barreiras da linguagem e toca a sensibilidade humana, e a partir dela é possível refletir sobre questões sociais, políticas, culturais e emocionais, promovendo a conscientização e o diálogo com outras expressões culturais do território. A biblioteca comunitária vai além de um local para empréstimo de livros, tornando-se também um espaço de memória, cultura, educação, leitura literária, construção crítica, convivência e lazer. Ademais, a biblioteca se configura como um epicentro de interação, do encontro, da disseminação de informações e do debate sobre temas relevantes para a comunidade.

Mediações culturais e enraizamentos

Trazendo como exemplo as práticas de envolvimento das bibliotecas comunitárias que compõem a RNBC – Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e, em Pernambuco, a Releitura – Bibliotecas Comunitárias em Rede, o conceito de mediação cultural é visto como uma prática de promoção ao acesso e à fruição da cultura territorializada e está diretamente relacionada ao movimento de aproximação, contribuindo para a formação de leitores e para o fortalecimento dos vínculos entre as pessoas da comunidade. Esse reconhecimento dos diferentes agentes da comunidade fortalece e amplia o envolvimento da biblioteca com outras articulações locais, possibilitando o olhar estratégico do enraizamento comunitário para o território. Segundo Honorato (2018), esse enraizamento comunitário

é fundamental para mudar a cultura local. Em uma sociedade em que ler e escrever não é uma prática social consolidada para todos, criar e sustentar uma biblioteca comunitária é cuidar do solo e mantê-lo vivo e fértil, é semear novas possibilidades de desenvolvimento, é plantar mudas de direitos humanos, é regar perspectivas de futuro que se fazem no presente. É colher o fruto no pé das árvores de leitores e mediadores de leitura que, a essa altura, já tem raízes profundas e que se encontram com outras raízes, fortalecendo uma enorme teia subterrânea (Honorato, 2018, pp. 75 e 76)

Da mesma forma, o livro “Expedições Leitura” (Honorato, 2018) explica que as bibliotecas comunitárias e as redes locais de leitura que compõem a RNBC desenvolvem um conjunto de práticas – chamadas de enraizamento comunitário – que funciona como a rede de raízes da floresta, e essas raízes das bibliotecas comunitárias se espalham entre ruas e becos de muitas comunidades de nosso país, e assim vão se alimentando dos saberes locais, dos saberes orgânicos, para darem sentido à democratização do acesso ao livro e à leitura literária permanentemente.

Ao enraizar, as bibliotecas criam novas relações comunitárias e fortalecem a teia entre todos os envolvidos, colaborando com o envolvimento dos processos humanos, culturais e sociais dos lugares em que estão inseridas. A partir desse olhar para o enraizamento comunitário, é possível pensar nas

programações das bibliotecas comunitárias envolvendo a comunidade no processo de construção, de forma participativa, com o envolvimento dos diferentes atores sociais e culturais. As bibliotecas, por meio da prática de mediações culturais, possibilitam interseções sociais, artísticas e territoriais que conectam a literatura às raízes culturais, fortalecendo a identidade e o senso de pertencimento.

As sementes lançadas a partir da prática cotidiana das mediações culturais e o enraizamento comunitário que as bibliotecas criam fazem florescer leituras de mundo e promovem conexões com o que é produzido culturalmente, revisitando suas práticas ancestrais, trazendo os seus sotaques, suas formas de fazer e de produzir conhecimento. Olhar para a ancestralidade e cultura e lutas sociais como forças narrativas são elementos essenciais para representar os territórios periféricos em que as bibliotecas comunitárias estão inseridas.

Destarte, é possível rememorar Nego Bispo (Santos, 2023), que aborda em seu livro “A terra dá, a terra quer” sobre os saberes orgânicos e como eles são fundamentais nas autogestões dos territórios. Esses saberes são expressos a partir das artes locais e da culinária, ligadas às formas ancestrais, o que lembra muito as formas de fazer e os saberes orgânicos autogestionados nas periferias em que estão localizadas as bibliotecas comunitárias da rede Releitura, de Pernambuco, por exemplo. Essas expressões populares, que são conduzidas de forma orgânica pelas pessoas das comunidades periféricas dos territórios, a partir de manifestações da cultura popular, como maracatus, bois, ursos e as festa juninas – que trazem elementos artísticos e da culinária, baseada no plantio do milho – estão diretamente ligadas às formas ancestrais, que trazem a perspectiva de festejar o lugar.

Sendo assim, é possível perceber também, ao olhar para esses movimentos orgânicos em conjunto com as bibliotecas comunitárias, as formas de compartilhamentos dos seres compartilhantes (Santos, 2023) que convivem harmoniosamente nesses territórios e se entrelaçam a partir das suas relações, e com isso vão trabalhando formas de envolvimento.

Honorato (2018, p. 81) defende que “o fortalecimento do enraizamento comunitário amplia o envolvimento da biblioteca com outras lutas locais, como educação, moradia, saneamento básico e outros.” As atividades de enraizamento comunitário que valorizam e conectam os participantes às suas identidades e raízes culturais são frequentemente encontradas nos espaços de leitura da RNBC. Essas atividades se integram organicamente ao território e se manifestam nos seus sotaques como formas típicas do fazer, conectadas com os folguedos e brinquedos populares, a música, a dança, entre outras expressões que compõem o território simbólico e carregam significados identificadores das comunidades.

Na Releitura-PE, por exemplo, é possível identificar algumas práticas de mediações culturais que conectam as atividades literárias com as manifestações populares e estabelecem envolvimento orgânicos com o território, como o Bozinho Menino do Nascadouro, da Biblioteca Multicultural Nascadouro (Peixinhos, Recife/Olinda), o Urso Leitor, da Biblioteca Popular do Coque (Recife), e os grupos de Dança Pra Pular e o Maracatu Nação Erê, primeiro maracatu infantil da

cidade, fundado em 1993, ambos da Biblioteca Comunitária do CEPOMA (Brasília Teimosa, Recife).

É comum também a realização de atividades conectadas com as festas juninas por meio de programações especiais que aproximam a literatura das identidades e raízes culturais que trazem a perspectiva de festejar o lugar. Desta forma, é possível identificar também bibliotecas comunitárias que organizam mediações culturais nas comunidades com arraiais juninos, literatura, comidas típicas, quadrilha, bois e música.

Outra prática de envolvimento orgânico consolidada na Releitura-PE que podemos destacar tem como características o estímulo ao protagonismo social das mulheres das comunidades, com encontros que acontecem em duas bibliotecas de Pernambuco com a ação Papo de Mulher, realizada pelas bibliotecas Amigos da Leitura (Alto José Bonifácio, Recife) e Solar de Ler (Olinda), com o objetivo de fortalecer os laços de compromisso entre os grupos envolvidos. O Papo de Mulher são encontros para conversas dedicadas só para as mulheres do território, com momentos de escuta, autocuidado, compartilhamentos de experiências, discussões afirmativas e informativas que abordam informações de interesse público, como direitos humanos, saúde, autoestima e problemas sociais. A proposta da ação é a de empoderar as mulheres da comunidade, o que permite o fortalecimento do enraizamento comunitário e amplia o envolvimento da biblioteca com outras lutas do território.

Conheça as produções audiovisuais que abordam algumas das mediações culturais promovidas nas bibliotecas comunitárias da rede Releitura-PE:

RELEITURA NO CARNAVAL
A HISTÓRIA DO BOIZINHO MENINO DO NASCEDOURO

RELEITURA NO CARNAVAL
VIDEOCLÍPE LOA BOIZINHO MENINO

RELEITURA NO CARNAVAL
A HISTÓRIA DO URSO LEITOR

RELEITURA NO CARNAVAL
A HISTÓRIA DO MARACATU NAÇÃO ERÊ

Considerações finais

O enraizamento comunitário é uma atividade fundamental para o desenvolvimento de leitores críticos do mundo, a partir das mediações culturais conectadas com os territórios. Porém, apesar dessas atuações acontecerem de forma orgânica a partir dos envolvimento comunitários, ainda é urgente a necessidade de ampliação de apoio financeiro para a manutenção das equipes de mediadores e dos espaços de leitura, para a permanência das ações de envolvimento comunitários a partir das mediações culturais e enraizamentos comunitários de forma continuada.

Apesar da mudança da atenção do Governo Federal para as pautas voltadas para a cultura a partir de 2023, as bibliotecas comunitárias ainda têm sofrido com as poucas iniciativas de políticas públicas do livro e da leitura nos âmbitos municipais, estaduais e nacional, pois não são suficientes para garantir o trabalho qualificado das equipes nos espaços de leitura, devido ao número de iniciativas de incentivo à leitura. Desta forma, algumas ações de mediações culturais proporcionam também atuações voltadas para a mobilização de recursos, com prestação de serviços em outros espaços de cultura e educação, com o intuito de propagar e valorizar as identidades, pautas sociais e raízes culturais a partir das práticas realizadas nas bibliotecas comunitárias e seus territórios. Os recursos arrecadados com as prestações de serviço são investidos nos fundos financeiros das bibliotecas e têm como objetivo fortalecer as ações de mediações culturais e enraizamento comunitário nos territórios onde as bibliotecas comunitárias estão inseridas.

Essas ações de mediações culturais realizadas nos espaços externos também contribuem para divulgar o trabalho das bibliotecas. Porém, ainda são necessários esforços das redes em realizar políticas públicas com o intuito de mobilizar recursos que viabilizem as condições necessárias para as bibliotecas trabalharem ainda melhor suas práticas de promoção e incentivo à leitura em seus territórios, fortalecendo os envolvimento comunitários, as identidades e o senso de pertencimento.

Referências

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HONORATO, C. et al. Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

A importância das bibliotecas comunitárias e os desafios desses espaços para a inclusão social das crianças com deficiência

Rafaella Asfora Siqueira Campos Lim
Reginaldo Pereira
Wilma Pastor de Andrade Sousa

Ao abrir as suas portas, as bibliotecas comunitárias têm desempenhado um papel fundamental na formação de boas memórias na vida de muitas crianças que vivem à margem da sociedade, experimentando verdadeira exclusão social. Entretanto, as barreiras existentes em muitos desses espaços tornaram-se grandes desafios para garantir que todas as pessoas tenham acesso a eles, sobretudo aquelas pessoas com deficiência. Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a importância que as bibliotecas comunitárias têm, como espaço democrático aberto a todas as pessoas, e os desafios encontrados para incluir as crianças com deficiência.

Ao pensarmos um pouco sobre o que Candido (1977) diz sobre a importância da literatura para a vida humana – na medida em que esse autor faz menção à literatura como um direito humano –, entendemos que se faz necessário pensar nas bibliotecas comunitárias como um espaço que deve promover o exercício desse direito às crianças desde a mais tenra idade, a exemplo dos bebês. Mas, e quando essas crianças têm alguma deficiência? Será que é possível promover o acesso às bibliotecas de forma igualitária a todas as crianças? Sem dúvida alguma afirmamos que sim, no entanto isso vai depender de um fator crucial, que é a promoção da acessibilidade. Não podemos pensar em um espaço acolhedor que propicie o letramento literário, onde todas as pessoas possam fazer parte, sem pensar na inclusão dessas pessoas de forma equitativa.

Segundo Cosson (2014), o letramento literário pode acontecer por meio da interação com outros leitores, a partir de diferentes ações mediadoras. Logo, precisamos investir nessas ações interventivas para que elas aconteçam de forma acessível às crianças que frequentam as bibliotecas comunitárias, sejam quais forem as suas necessidades específicas, para que as memórias construídas ultrapassem a questão da sua formação enquanto leitor e sejam memórias que remetam à construção da cidadania.

De acordo com Correia (2007), o exercício da cidadania implica a participação em uma comunidade organizada em torno dos direitos e instituições, em que é possibilitado aos sujeitos exercerem os seus direitos civis, políticos e sociais. Dessa forma, remetemos aos direitos culturais que serão efetivados a partir da participação dos sujeitos nas instituições sociais, como é o caso das bibliotecas públicas e comunitárias.

Vale destacar que esses espaços têm se consolidado, ao longo dos anos, como um lugar que não apenas abre as suas portas para todas as pessoas, como também acolhe e possibilita que seja desenvolvido um trabalho que vai além da leitura, já que se trata de um trabalho humanizado e humanizador, que tem reverberado em depoimentos emocionantes de famílias cujos filhos frequentam esses ambientes.

Nesse sentido, o primeiro passo é identificar as barreiras que estão impedindo o acesso de todas as crianças, a começar pela barreira física, porque essa certamente impedirá que uma pessoa usuária de cadeira de rodas, por exemplo, acesse um ambiente cuja entrada é unicamente por meio de degraus, e circule nesse espaço com segurança e autonomia. Neste caso, uma rampa colocaria a pessoa que dela necessita em igualdade de condições para entrar no espaço, desde que construída com respeito às normas técnicas para a acessibilidade.

É importante relatar que geralmente os espaços nos quais funcionam as bibliotecas comunitárias são casas ou galpões adaptados para receberem livros e mobiliários, oferecendo um ambiente melhor para a comunidade. Entretanto, como podemos ter um local a que todos e todas possam ter acesso, independente da sua necessidade específica? Na nossa prática, provavelmente em função da falta de formação nessa área de inclusão da pessoa com deficiência, a maioria dos espaços em que as bibliotecas comunitárias são construídas não são acessíveis, já que são pensados apenas no indivíduo sem deficiência. Infelizmente essa é a realidade. No entanto, nos últimos anos, temos percebido uma inquietação das pessoas responsáveis pelas bibliotecas comunitárias em relação à acessibilidade de crianças com deficiência.

Sobre os autores

Professores do Departamento de Psicologia e Inclusão, do Centro de Educação da UFPE, e Coordenadores da Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães. Integrantes da Equipe do CEEL.

Ressaltamos que a chegada de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e crianças com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem provocado na equipe das bibliotecas comunitárias, sobretudo nas instaladas em Recife e Região Metropolitana, a necessidade de conhecer melhor a temática da inclusão e, conseqüentemente, a acessibilidade, para promover a inclusão de todas as crianças nas atividades promovidas por esses espaços, além de propiciar um lugar de convivência entre crianças da mesma idade que, muitas vezes, não conseguem ter uma interação social onde vivem. Entendemos que, por meio de atividades e, principalmente, da ação coletiva, é possível que essa construção aconteça.

Diante dessa realidade, precisamos sempre estar no lugar do outro para entender qual é a sua necessidade, e como podemos oferecer condições de acesso para todas as pessoas, sem precisar que elas solicitem o seu direito de acesso. Para tanto, precisamos criar espaço de inclusão, além de ter equipamentos e materiais pedagógicos que possam complementar as atividades ofertadas, considerando o público desde aquelas crianças que estão inseridas na Educação Infantil.

Destacamos que há necessidade urgente de formação para as pessoas que estão trabalhando nas bibliotecas comunitárias em geral, já que muitos dos nossos espaços em que elas funcionam são geridos por pessoas da própria comunidade, que desenvolvem seu trabalho a partir do seu conhecimento humano e comunitário, tendo como porto de partida a coletividade e a transformação social de sua comunidade, mas nem sempre respaldado pelos conhecimentos especializados no campo da educação inclusiva. Acreditamos que, sem esse conhecimento, não conseguimos construir um espaço acolhedor, seguro e acessível. Além disso, é crucial que sejam elaboradas regras de convivência e melhoria na ambientação do espaço para receber todas as pessoas leitoras.

É interessante destacar que esses espaços não se restringem à formação de leitores. Nesse contexto, apresentaremos a seguir o depoimento de Catarina e de Darliane, duas mães de crianças com deficiência que frequentam a Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães (BCCT), localizada no bairro da Ilha do Retiro, na cidade de Recife-PE. Elas participaram de uma entrevista feita pelo responsável da BCCT, Reginaldo Pereira, coautor deste texto.

Catarina, mãe de uma criança de oito anos de idade, que tem paralisia cerebral com comprometimento intelectual, relatou que a sua filha gosta muito de frequentar a BCCT, e que teve um desenvolvimento social muito grande desde que começou a frequentar esse espaço. Ao ser questionada sobre a participação da filha na biblioteca, Catarina respondeu:

É boa, né? Porque ela se desenvolveu, antigamente ela não se desenvolvia nada, porque ela só ficava em casa, aí foi quando eu descobri que tinha a biblioteca, e ela tá sabendo se desenvolver, tá sabendo conversar, ela tá sabendo respeitar... porque ela não sabia, então eu tô achando muito bom ela vir na parte da tarde pra cá.

Salientamos na fala dessa mãe o fato de a sua filha estar se comunicando mais, ter melhorado a fala e o comportamento, já que a criança passou a usar mais as regras de convívio social. Para além dos momentos de leitura, a biblioteca exerce um papel crucial na formação da cidadania dos sujeitos que por ela passam, portanto, construção de boas memórias.

É interessante destacar que Catarina não fez referência direta às barreiras existentes na biblioteca, nem reivindicou qualquer tipo de acessibilidade para a sua filha. Entretanto, ela falou que sente falta de ter na biblioteca uma roda de diálogo com as mães de crianças com e sem deficiência, para socializar as angústias e os avanços dos filhos, e para que aquelas mães que não têm filhos com deficiência entendam, e não discriminem as pessoas com deficiência. Ou seja, embora ela não tenha nomeado, ela está se referindo à barreira atitudinal.

De acordo com Sasaki (2009), a barreira atitudinal diz respeito à presença de preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência. Trata-se de uma barreira difícil de ser eliminada e que perpassa todas as outras: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental e programática.

No entanto, acreditamos que a biblioteca, enquanto espaço de formação humana e exercício da cidadania, tem um papel relevante na elaboração de ações que minimizem os preconceitos e possibilitem maior conscientização e respeito à diversidade humana presente nesses locais.

Em relação à fala de Darliane, mãe de uma criança de sete anos de idade, com diagnóstico de TEA, que frequenta a BCCT, ao ser questionada sobre a importância de o filho participar das atividades da BCCT e se ela observou alguma melhora no desenvolvimento da criança, temos o seguinte relato:

É o aprendizado né? Faz a junção da escola, acaba aprendendo mais. Melhora o desenvolvimento dele e muito, até porque ele é doidinho, fica pedindo direto pra vir.

A fala de Darliane desmistifica uma questão importante, a de que as crianças em geral não gostam de frequentar bibliotecas. No caso das bibliotecas comunitárias, percebemos uma peculiaridade que atrai as famílias e, conseqüentemente, as crianças que delas fazem parte: a acolhida feita de forma humanizada. O relato de que seu filho é “doidinho, fica pedindo direto pra vir”, ou seja, ele insiste em ir à biblioteca, gosta muito de estar nesse espaço, mostra o quanto ele se sente bem na BCCT.

Outro aspecto que nos chama a atenção é a melhora percebida no desenvolvimento da criança, bem como o fato de ele aprender mais, fazendo referência à complementação entre escola e biblioteca. Isso mostra a importância que as bibliotecas comunitárias têm para as pessoas que as frequentam, bem como a relevância de uma interlocução permanente entre a escola e a biblioteca, para a inclusão social e educacional das crianças com deficiência.

Ao ser questionada sobre as dificuldades que a família tem enfrentado nesse momento de fechamento de diagnóstico, Darliane declarou:

Assim, no momento quanto mais ele vir pra cá, melhor pra ele, né? Justamente pela fala dele, tudinho... Então no momento a gente tá andando pra ver, pra ver como é que vai ficar a relação com a biblioteca. Como ele tá no começo, a gente vai trabalhando pra a gente ver.

Darliane reconhece a importância de seu filho frequentar a biblioteca comunitária de forma sistemática, por entender que a interação nesse espaço tem possibilitado avanço na comunicação da criança. Além disso, ela incentiva outras famílias que estão na mesma situação da dela a levarem os seus filhos para a biblioteca comunitária, na medida em que ela reconhece que esse espaço proporciona acolhimento, segurança e inclusão social. Vamos conferir o que ela relatou:

É sempre bom a gente deixar nossos filhos se desenvolverem com outras pessoas, porque isso é melhor pra eles, eles se desenvolvem bem e em relação a fala, em relação a como agir com outras pessoas, entendeu? Eu deixei ele vir pra cá pra a biblioteca, mas antes eu tinha conversado com o pai e eu informei tudo. Como as pessoas daqui são, atenciosos, até porque eu já fiz parte também, né? É eu já sei como é o trabalho de vocês. Então, assim, sempre que vocês puder deixar seus filhos participar de algum evento da biblioteca... é sempre porque até pela questão do desenvolvimento deles.

Evidenciamos na fala de Darliane a importância que ela dá aos momentos de interação que a biblioteca comunitária proporciona ao seu filho, bem como a ênfase ao acolhimento e ao trabalho feito com seriedade e, por que não dizer?, responsabilidade. Essa mãe não apenas tece elogios, como também incentiva outras famílias a frequentarem com seus filhos esse espaço. Outra fala que nos chama a atenção é quando ela foi questionada quanto às expectativas a longo prazo da participação do filho na BCCT. Ela respondeu:

Que ele venha se destacar na biblioteca, assim como muitos meninos vêm em cada evento que vocês fazem. Tem evento de música, né? Alguma coisa assim... E que ele venha se destacando e melhorando o convívio dele com outras crianças... não que seja difícil, mas que se torne cada vez melhor...

Frisamos a preocupação dessa mãe em ver seu filho com TEA se destacando nas atividades proporcionadas pela biblioteca, da mesma forma que os seus pares. É esse sentimento de pertencimento ao lugar em que estamos que só é conquistado com acolhimento e visão humanitária, perspectiva essa que vislumbra o exercício da cidadania pelas pessoas com deficiência. São, sem dúvidas, ações como essa que quebram a barreira atitudinal tão bem ressaltada por Sassaki (2009). Acreditamos que a acessibilidade só se torna efetiva quando se tem o compromisso de fazê-la de forma equitativa, com justiça social. É isso que defendemos quando lutamos pela inclusão social.

Evidenciamos a preocupação da BCCT em ter retorno da comunidade em relação ao trabalho prestado. Não é comum encontrarmos essa empatia quando se trata de pessoas com deficiência. O trecho a seguir é um relato da vivência de Reginaldo nesse espaço:

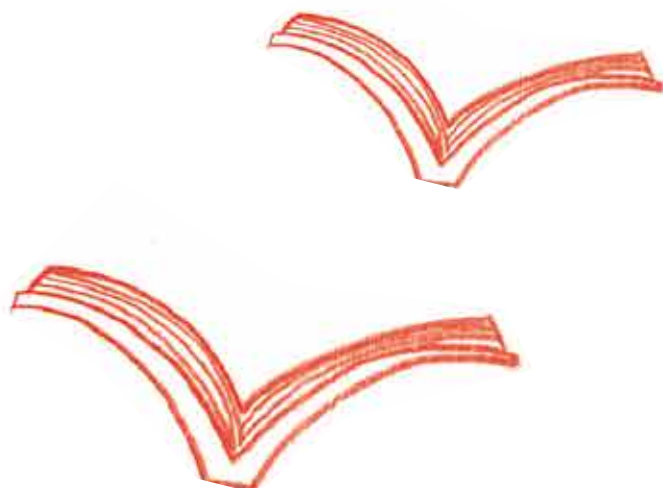
Ao longo desses 19 anos que a Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaires abriu suas portas, para atender e desenvolver atividades de incentivo à leitura e à formação cidadã de cada morador, (o trabalho) tem sido um desafio. Primeiro pela formação básica que cada um tinha para transmitir aos outros leitores. Segundo porque sempre foi um problema para a nossa equipe melhor atender as crianças em geral. No decorrer do tempo, temos recebido crianças que demonstram ter alguma deficiência, e que precisam de atenção e acompanhamento mais próximos. A primeira criança que chegou à BCCT tinha 05 anos de idade, diagnosticada com Síndrome de Down. Ela veio participar das atividades da biblioteca. Nosso principal papel foi fazer a inclusão dela com as outras crianças, além de promover o desenvolvimento e o potencial que cada um tem. Depois, chegaram outras crianças com TEA e TDAH. Para nós, tem sido desafiador conseguir atender a essas crianças que têm suas necessidades específicas, mas também têm sido momentos de muitos aprendizados e superação de nossa limitação e preconceito. Todos os dias que elas estão no espaço da biblioteca, percebemos a necessidade de melhorar o ambiente para melhor atendê-las.

Esse depoimento está alinhado às respostas das mães entrevistadas, uma vez que há um investimento da equipe da BCCT em melhor atender às crianças que chegam nesse espaço, independente de elas terem alguma deficiência ou não. Percebemos o quanto esse trabalho social que as bibliotecas comunitárias desenvolvem é fundamental para a sociedade na qual elas estão inseridas. Isso fortalece o vínculo e cria memórias inesquecíveis. Os desafios são constantes, no entanto, entender esses espaços como lugares abertos a todas as pessoas, portanto democrático, é sem dúvida pensar para além da constituição do leitor, mas de um leitor sensível e empático com as pessoas que circulam ao seu redor. Os desafios encontrados para incluir as crianças com deficiência nas bibliotecas comunitárias existem, mas não são obstáculos para que a inclusão não aconteça. Pelo contrário, conforme vimos nos relatos de Catarina e Darliane, mães de crianças com deficiência que frequentam a BCCT, a inclusão acontece. Embora tenhamos na fala de Reginaldo dificuldades nessa caminhada, também percebemos como os desafios são enfrentados, de forma a encorajar outras bibliotecas a fazerem o mesmo.

Portanto, reconhecemos neste texto a importância de apoiarmos as bibliotecas comunitárias para que possam se fortalecer e prestar um serviço cada vez mais humano a todas as pessoas que as frequentam. Finalizamos com as palavras de Reginaldo:

Hoje sabemos como é importante ter um espaço acolhedor e seguro para todas as crianças. Isso é fruto de uma parceria entre a biblioteca comunitária e o CEEL/UFPE, onde a equipe tem nos mostrado como podemos melhorar o nosso atendimento de forma inclusiva. Queremos melhorar o nosso espaço, para que possamos receber todos igualmente, e atender todas as necessidades dos nossos leitores.

Esperamos que possamos, enquanto cidadãos, contribuir para a formação não apenas de leitores assíduos desde a Educação Infantil, ou para a criação de espaços democráticos – a exemplo das bibliotecas comunitárias –, mas também para a formação de leitores críticos e sensíveis à necessidade específica de seus pares. Leitores que encontrem no espaço das bibliotecas comunitárias um lugar aconchegante, acolhedor, um espaço que proporcione a leitura de mundo a partir da interação com o outro, entendendo que somos todos diferentes.



Referências

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977, pp. 169-191.

CORREIA, Zita P. A biblioteca como espaço de cidadania. In: CALIXTO, José António (dir.). Bibliotecas para a vida: literacia, conhecimento, cidadania. Lisboa: Cidehus, Edições Colibri, Biblioteca Pública de Évora, 2007. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/1750?lang=fr#text>. Acesso em: 01 ago. 2024.

COSSON, Rildo. Letramento literário – teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

Entre vistas



Teresa França

Entrevista por
Beatriz de Barros

RLA - Qual a sua formação?

Teresa França - Minha jornada na área das Artes teve início durante meu curso pedagógico, onde fui introduzida à disciplina de Arte na Educação, no Colégio Vera Cruz, em 1968. A partir daí, minha trajetória se desdobrou em diversos momentos significativos. Participei de cursos com a abordagem promovida pela Escolinha de Arte do Recife e do Brasil, liderada por Augusto Rodrigues e outros artistas inspiradores. Envolver-me em congressos, painéis e debates sobre a introdução do curso de Licenciatura em Artes foi crucial para minha visão da formação do arte educador.

Durante um extenso período, de 1995 a 2017, dediquei-me à formação continuada na Prefeitura do Recife, onde também tive a oportunidade de ser aluna no curso de especialização em Tecnologia da Educação, coordenado pela PUC do Rio de Janeiro, no formato EAD. Ao longo de seis anos, concentrei meus esforços na formação continuada voltada para a Educação Infantil, um campo que sempre me fascinou.

As formações na abordagem triangular, uma metodologia estudada por Ana Mae Barbosa, foram especialmente enriquecedoras, destacando-se a experiência no departamento de Artes da UFPE, em parceria com o Instituto Arte na Escola.

Em 2020, concluí um marco significativo em minha jornada ao finalizar o curso de especialização em Arteterapia, em um formato híbrido, aos 70 anos de idade. Essa conquista encheu-me de orgulho, pois compreendo que a prática artística é dinâmica e necessita ser constantemente nutrida para se renovar e dialogar com o tempo vivido.

RLA - Fale um pouco sobre a sua experiência profissional no campo da arte educação.

Teresa França - Iniciei minha jornada profissional como jardineira (nome que se dava à professora do jardim de infância) em 1969, trabalhando em uma escola privada. Naquela época, a Educação Infantil era conhecida como Jardim de Infância. Retornei a esse segmento em 1995, quando comecei a trabalhar na creche municipal Mãezinhas do Coque. Foi nesse ambiente que me reencontrei com a paixão por educar.



Teresa França

Professora de Artes visuais
Instituto Capibaribe
Educação Infantil\ Fundamental 1

Minha trajetória como arte educadora teve início na Escolinha de Arte de Recife. A partir dessa experiência, participei de várias propostas pedagógicas, sendo a Escola Saltimbancos, no município de Olinda, uma das mais marcantes. Ali, foi possível contribuir com meu conhecimento e rever as formas de aprendizagem com e pela arte na formação das crianças.

Nos últimos 15 anos, tenho dedicado minha vida ao Instituto Capibaribe, uma instituição que surgiu um ano após a Escolinha de Arte do Recife e que tem a arte como parte essencial de seu currículo. Na instituição, trabalho desde a turma do maternal até o Fundamental 1. O Instituto Capibaribe é reconhecido como uma escola de referência na integração da arte contemporânea nas experiências artísticas vivenciadas pelos alunos. Estou em constante aprendizagem, os desafios são constantes, tanto em relação à prática quanto às orientações oficiais.

RLA - Para você, qual a importância das vivências artísticas na Educação Infantil?

Teresa França - Desenvolver o indivíduo de forma integral tem sido o objetivo dos pensadores do século XX, levando em consideração a multiplicidade e diversidade dos seres humanos dentro de seus contextos. Muitas teses foram desenvolvidas, principalmente em relação a como se aprende e para que aprender. Nesse sentido, a arte foi foco do ensino para crianças, pois a modalidade exigia uma didática de acordo com as fases da vida. As vivências artísticas oferecem inúmeras possibilidades de aprendizagem e descobertas, principalmente quando acontecem em grupo, daí a importância de não só apreciar, mas também tocar, sentir, ouvir, ou seja, viver a experiência, independentemente da abordagem adotada.

No entanto, é fundamental que haja intencionalidade por trás das atividades artísticas, e a compreensão das etapas do desenvolvimento infantil que podem orientar, como poderemos nutrir o olhar, o sentir e o desejar das crianças, que possuem uma percepção tão aguçada do mundo ao seu redor, principalmente nessa era da comunicação pela imagem.

RLA - O que pensa sobre estudos que apontam para etapas do desenho?

Teresa França - Embora esteja ciente de que esses trabalhos são do século passado e foram realizados em realidades diferentes e tendo como objeto de estudo o produto, desconsiderando o processo além de apresentar o desenvolvimento de forma linear, ainda os considero relevantes e inspiradores para nossa prática atual. Ainda utilizo os autores (Lowenfeld, Kellogg e Piaget) como referência, tanto para análise de alguns desenhos, pinturas e modelagens, quanto para elaborar proposta.

Quando vamos elaborar projetos, precisamos considerar o perfil do grupo, seus conhecimentos, habilidades e desejos de aprendizagem em Arte e esses elementos são quase uma gramática da linguagem do desenho e por que não dizer?, uma cartografia do universo infantil.

RLA - Quais os materiais que considera prioritários para vivência com arte?

Teresa França - Existem três materiais básicos: aqueles que permitem o riscar, os que possibilitam a pintura e os que nos conduzem à modelagem.

Os demais são variações que complementam essas ações, desde que sejam bem orientadas e conduzidas, apresentando técnicas e várias formas de usar, apreciar e dialogar sobre as experiências vividas.

Acredito plenamente que seremos capazes de desenvolver as habilidades necessárias para o ensino da arte na Educação Infantil. Com dedicação, criatividade e uma abordagem centrada no desenvolvimento integral das crianças, poderemos proporcionar experiências artísticas enriquecedoras, que estimulem sua imaginação, expressão e apreciação estética.

RLA - Como qualificar a atuação do pedagogo no campo da experiência da educação infantil?

Teresa França - Para qualificar nossa atuação no campo da experiência da Educação Infantil, precisamos adotar uma abordagem interacionista que vá além do fazer artístico espontâneo e individual. É essencial compreendermos as diversas dimensões do desenvolvimento infantil, incluindo aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos.

Ao adotar uma abordagem interacionista e centrada no desenvolvimento integral das crianças, podemos qualificar nossa atuação como pedagogos construtores de uma didática que considera os pares e a cultura na qual o coletivo dos educadores e famílias estão inseridos.

A Educação Infantil proporciona experiências enriquecedoras, que promovem o crescimento e o desenvolvimento do adulto, que precisa entender o potencial criativo (que vai além do traçar, modelar e pintar) para garantir sua expressão e compreensão deste mundo que lhe apresentamos.

RLA - Como a Lei 10.639 influencia a arte na Educação Infantil?

Teresa França - A Lei 10.639 exerce uma influência positiva na arte da Educação Infantil ao promover a valorização da diversidade cultural, o combate ao racismo e à discriminação, o estímulo à criatividade e expressão, e a integração curricular das questões étnico-raciais. Isso contribui para uma educação mais inclusiva, democrática e enriquecedora para todas as crianças.

Entretanto, percebemos diversos equívocos na aplicação dessa lei, especialmente no que diz respeito à utilização de imagens que reduzem a diversidade da diáspora africana, muitas vezes limitando-se à representação dos orixás. Além disso, observamos a produção de autorretratos sem uma pesquisa aprofundada e um objetivo claro, resultando em uma abordagem apressada na organização de murais, que muitas vezes desconsideram as percepções e vivências das crianças em relação a essa temática étnico-racial. É fundamental que as escolas e os/as educadores busquem uma abordagem mais ampla e inclusiva, que não apenas cumpra com a legislação, mas que também promova uma verdadeira reflexão e valorização da diversidade cultural presente na sociedade brasileira. Isso implica em utilizar uma variedade de referências culturais, explorar diferentes manifestações artísticas e, sobretudo, envolver os alunos de forma ativa e respeitosa em todo o processo de aprendizado sobre história e cultura afro-brasileira.

Edith Corona Sánchez

Entrevista por
Marta Diniz

RLA - Quais são as principais características da bebeteca, que funciona como parte da biblioteca infantil da Benemerita Universidad de Puebla (BUAP)?

Edith - Nossa biblioteca está localizada no térreo do prédio da Biblioteca Central da Universidade. A partir desse espaço são promovidas práticas culturais mediadas por livros e leitura em voz alta destinadas a bebês, meninas e meninos acompanhados de seus familiares ou outros cuidadores. O Projeto teve início com a inauguração da Biblioteca Central da BUAP em 2012. As atividades da biblioteca são de acesso gratuito ao público. As leituras acontecem de segunda a sexta, até às 16h. As bases desse Projeto são:

- Livros de qualidade - literário (ficção) e informativo (não ficção).
- Espaço seguro e confortável - As leituras com os bebês e suas famílias são feitas ao nível do chão, em tapetes e almofadas.
- Mediadores de leitura - Uma mediadora de leitura especialista e estudantes de diversas áreas, que realizam serviço social ou práticas profissionais.

As atividades destinam-se a bebês, mas outras crianças maiores também aderem. A maioria dessas crianças são leitoras que frequentam diariamente a biblioteca, há algum tempo, desde que eram bebês. Sua experiência de leitura enriquece o encontro dos bebês com os livros e as leituras. As crianças maiores que já estão começando a ler ou que já leem muito bem presenteiam suas leituras para os bebês, indicam seus livros preferidos ou outros que chamem a sua atenção. Nossas leituras com os bebês também estão entrelaçadas com músicas que selecionamos, com temas que coincidem com os livros. A duração das leituras é de uma hora. Os bebês movimentam-se livremente nos tapetes: os que já começam a andar movimentam-se pelo espaço da biblioteca. Respeitamos a sua necessidade de movimentação. De toda maneira, as leituras em voz alta podem ser ouvidas onde quer que estejam. Nas sessões de leitura temos um início que convida à leitura com uma música como “Noni noni”, dos Canticuenticos, ou “Regalitos”, cantada por Martha Gómez. O encerramento é sempre com um poema de Yolanda Reyes “Receita para Dormir” e, para ouvi-lo, convidamos (os participantes) a se deitar e fechar os olhos. Por fim, realizamos um jogo com “paraquedas de estimulação precoce”, que movimentamos ao ritmo do livro “Onde está o bebê? “Aqui está!”, por Marina Bendersky.



Edith Corona Sánchez

Biblioteca Infantil da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México - por Ester Rosa (CEEL/UFPE) e Maria Betânia Andrade (Biblioteca Popular do Coque).

Tradução: Ana Cristina Gomes da Penha (CEEL)

Para conhecer mais sobre a Biblioteca Infantil da Universidad Benemérita Autónoma de Puebla-México acesse:
<https://infantilibibliotecasbuap.blogspot.com/>



RLA - Como é o acervo da biblioteca voltado para bebês e crianças menores de 6 anos?

Edith - Existem coleções de livros literários (ficção) e informativos (não ficção). Livros com apresentação em papelão, livros de capa dura e livros de capa fina. Os livros de papelão são mais resistentes e perfeitos para livre exploração por bebês e crianças pequenas. Os livros estão organizados em:

- Livros de autores e livros de ilustradores - Essas coleções nos ajudam a conhecer outras obras de nossos autores e ilustradores.
- Livros de editoras - Nos permitem conhecer o que cada editora produz e encontrar os livros nas feiras onde cada editora apresenta os seus livros.
- Livros por coleções temáticas e por coleções de personagens - Para escolher os livros que vamos ler com os bebês, pensamos no que queremos compartilhar com eles: poesias, canções, cordel, livros de texturas, livros com sons onomatopaicos, com temas informativos que lhes falam do seu ambiente e do mundo, histórias com emoções que falam também aos que estão participando com as crianças.

RLA - Qual a importância de envolver as famílias nas mediações de leitura com bebês e crianças menores de 6 anos?

Edith - A infância depende dos adultos que cuidam dela para chegar aonde estão os livros e receber leituras desde muito pequenos. De todos os possíveis cuidadores, são as famílias que determinam, ou não, a forma de aproximação dos bebês, meninas e meninos aos livros e às bibliotecas. São as famílias que acompanharão de perto e com amor a formação dos pequenos leitores. Nas visitas diárias à biblioteca são compartilhadas muitas leituras e trocas de ideias que os livros provocam, assim, a infância é acompanhada de muitas leituras que se entrelaçam com os afetos que são tecidos no cotidiano, no cotidiano das leituras. Os estudantes universitários, no seu papel de mediadores de leitura, modelam leituras respeitadas, leituras “presenteadas” (sem exigir nada em troca das crianças); pouco a pouco, as famílias vão adotando essas práticas de leitura com seus filhos.



RLA - Por que ler com e para crianças menores de 6 anos na biblioteca pública? O que se destaca na sua experiência como mediadora na biblioteca?

Edith - A leitura, se for feita diariamente em todos os espaços onde as crianças estão e se for acompanhada de momentos amorosos, respeitosos e sem forçar os pequenos leitores, oferece informações valiosas para o desenvolvimento integral de bebês, meninas e meninos:

- Favorece a partilha de tempo de qualidade
- Fortalece os laços emocionais
- Oferece muito mais linguagem do que a usada na vida cotidiana
- Dá tópicos para falar
- Facilita a alfabetização
- Fornece bases sólidas para comunicação
- Semeia em cada leitor o desejo, o gosto, o interesse de voltar aos livros

A partir da minha experiência de mediação na biblioteca posso sentir e reconhecer o valor das relações de amizade e solidariedade que se tecem entre as crianças, as famílias e os mediadores de leitura. Destaco a riqueza que os mediadores de leitura trazem: disponibilidade, criatividade, brincadeiras, alegria, curiosidade, conhecimento e histórias pessoais que garantem uma experiência significativa no encontro com os livros e a leitura. Os mediadores são o eixo dessas práticas, são eles que as tornam possíveis.

RLA - Qual é o envolvimento da comunidade, especialmente do Conselho de Leitura de Puebla, nas ações dirigidas a bebês e crianças menores de 6 anos?

Edith - A Biblioteca Infantil da BUAP tem sido um projeto inédito que surpreende agradavelmente a comunidade e visitantes de outras localidades. É um projeto que cresce e dá excelentes resultados na formação de leitores. As famílias encontram um lugar seguro e interessante para seus filhos. A comunidade em geral recebe o projeto de leitura com interesse e aceitação desde a primeira infância. As famílias às vezes ficam descrentes das leituras com os bebês, mas depois ficam muito entusiasmadas ao descobrir as reações de seus bebês quando se juntam às leituras compartilhadas com os mediadores de leitura e com outros bebês e outras crianças. Ao longo dos dias, meses e anos eles confirmam os efeitos da leitura compartilhada e observam com satisfação as demandas de leitura dos filhos em suas casas e em qualquer espaço que lhes ofereça variedade de livros de qualidade. O Conselho de Leitura de Puebla (CLP) é uma associação civil que promove projetos de leitura desde a primeira infância, dirigidos a toda a comunidade, principalmente a quem carece de oportunidades culturais e econômicas. Foi pioneiro em nosso país na promoção da leitura desde a primeira infância e na formação de mediadores de leitura. Além disso, realiza um trabalho importante de pesquisa sobre práticas de leitura. A experiência do CPL tem sido a base do projeto de leitura da Biblioteca Infantil da BUAP.

RLA - Você pode nos falar um pouco sobre como funcionam as políticas públicas no México voltadas para a leitura e como isso impacta o funcionamento da biblioteca?

Edith - No México existe um Programa Nacional de Leitura e Escrita. Este programa impacta no nível da educação básica com bibliotecas escolares, salas e cantinhos de leitura, e na formação de professores. Além disso, convoca a comunidade em geral a multiplicar as práticas de leitura, oferece capacitação e acervos, promove feiras de leitura e diversos eventos culturais ligados ao livro e à leitura.

RLA - Como a biblioteca infantil funciona numa universidade, qual o papel da biblioteca na formação dos estudantes universitários? Vocês recebem estudantes para estágios?

Edith - A Biblioteca Infantil da BUAP é um espaço que reúne bebês, meninas e meninos e suas famílias com uma agenda permanente de atividades de leitura. É uma agenda gratuita, não requer inscrição prévia e nem trazer materiais. As crianças devem estar sempre acompanhadas por adultos. O empréstimo de livros é limitado à comunidade universitária, mas a consulta dos acervos da biblioteca é gratuita ao público. O horário de

funcionamento da Biblioteca Infantil da BUAP é das 9h às 21h de segunda a sexta-feira. Recebemos também convidados de diversas áreas da universidade, que compartilham temas de biologia, astronomia, matemática, física, história, engenharia, línguas estrangeiras, além de convidados da comunidade que nos trazem outros temas, como histórias em línguas nativas, esportes etc. Todas as atividades são mediadas por livros, com leitura em voz alta. Além disso, incentivamos conversas sobre as ideias que surgem com as leituras, procuramos envolver tanto as crianças como os adultos presentes. Enquanto ouvem as leituras, as crianças realizam atividades criativas (desenhar, recortar, colar, construir etc.). Na maioria das atividades se utilizam materiais reciclados. As leituras são partilhadas por estudantes universitários que realizam serviço social ou estágios profissionais, (todos) são acompanhados pelo mediador de leitura mais experiente, responsável pela Biblioteca Infantil. Ao ter o tempo concedido pela própria universidade para participar de experiências diárias de leitura, os universitários vivenciam de perto emoções e descobertas em cada livro compartilhado, tornam-se sensíveis à estética das ilustrações e dos textos, comentam que gostam de ler coletivamente e ouvir as ideias e reações de crianças e adultos em relação ao que é lido e às experiências pessoais que são partilhadas. Aprendem um novo vocabulário. Se surpreendem com a quantidade de livros que leem durante a colaboração na biblioteca, emprestam livros às suas famílias, quando têm filhos voltam para comprar livros ou frequentam sessões de leitura; quem ensina ou trabalha com crianças inclui livros em suas atividades. Tal como as famílias, os alunos integram as práticas de leitura nas suas vidas cotidianas.

RLA - O que você recomenda para quem quer atuar na mediação da leitura de crianças pequenas em bibliotecas públicas?

Edith -

- tenha hospitalidade intencional, escuta atenta e conversação
- crie ambientes acolhedores
- promova um tratamento respeitoso
- garanta momentos abertos de leitura diária
- promova outras atividades culturais de arte, esporte e ciências
- apresente descobertas de leituras que os surpreendem
- descubra novos livros acompanhados pelos leitores
- apresente livros literários (ficção) e livros informativos (não ficção)
- aproveite cada encontro com os leitores e os livros



Poesia

Sobre a autora

Sou filha de Gilvanete Ferraz Silva; neta de Felícia Freitas Ferraz. Bastaria isso para ser eu no mundo, mas muitos outros amores me fizeram amar a vida! Sou professora, pesquisadora, mãe e amante do mar!

Alfabetização

Telma Leal

Começa com L?

- É, e tem dois C.

É pequenininho?

- Sim, como você.

Parece com Luísa?

- Sim, e com luz, e com luar, e com leão.

Parece com Telma?

- Sim, e com palma, e com alma, e com calma.

Tem dois pedacinhos?

- Sim, como parque, e como pipa, e como pião.

Tem U?

- Sim, como uva, como urubu; e como união.

Posso escrever?

- Sim, com lápis de qualquer cor.

LUCCA

Sim, é assim, meu amor.

Rebento

Telma Leal

Rebento do meu rebento

Para sempre nós

Atados em nós

Pequenino, doce menino

Meu alento

Que você seja meu amuleto, meu talismã

Que me salve desse tempo inseguro

Que seja a paz que eu auguro

Sou professora, amo ser professora; sou

aprendente da vida e curiosa sobre o que é ensinar. Então, me fiz pesquisadora da UFPE.

Também sou escritora; escrevo por prazer, por gostar de ver as palavras dançarem e voarem sobre o papel, o muro, a tela do computador.

Também sou avó de Lucca, meu talismã; com ele aprendo a ser professora, a ser escritora, a ser mais gente... A ele, dedico essa brincadeira com palavras...

Entardecer

Célia Annette Tenório

(Sol se pondo;
Entardecer para mim,
E também para ti.
No lusco-fusco presente,
Memórias distantes,
Saudades, fantasias,
Nostalgia, partidas,
E por que não,
Também chegadas?
Incerteza no olhar,
Dúvidas na mente,
Discórdia, desamparo,
Pensamento descrente.
A noite que chega
Trouxe o alento,
A harmonia buscada
O sorriso do tempo.

Recife, 17/10/2019

Sobre a autora

Célia nasceu em Recife, no dia 04/06/1969; é filha do músico José do Nascimento Tenório (Maestro Tenório) e de Iraci de Souza Tenório (após o divórcio, Iraci Gomes de Souza). Batizada Célia de Souza Tenório, mas chamada de Annette por seu irmão Hilton, acabou assumindo a alcunha.

Cursou o magistério na Escola Clotilde de Oliveira, e Licenciatura em História na UFRPE. Mãe de Cecília e Ricardo; tia de Letícia, Giovanna, Maria Luíza e Samuel, madrinha de Daniel. Trabalha em um programa de incentivo à leitura da Prefeitura do Recife: o Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores - PMBFL. Nas horas vagas gosta muito de fazer artesanato, ler, pintar e escrever poesias, principalmente para o seu "muso inspirador", seu gatinho Pitoko. Ama animais, especialmente gatos. Participou de algumas antologias poéticas, entre elas: Livro Mulher, pela Editora Do Carmo; Trilhas, Totens, Talismãs – Tautogramas Telúricos, pela Darda Editora; Arte Poética, pela Editora MWG; Alvorecer, pela Editora Cavalo Café; Naturemas, pela Editora Darda.

Relatos de experiências



Pequenos leitores, futuros cidadãos

Caroline Teodosio

Arte educadora da Biblioteca Escritora Clarice Lispector - COMPAZ Dom Hélder Câmara

A educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferências de saberes de uma geração e outra, onde não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida (Brandão, 2008, p.13)

O nome da Biblioteca que está situada no Compaz Dom Helder Câmara é uma homenagem a Clarice Lispector, escritora e jornalista nascida na Ucrânia em 1920 e naturalizada brasileira. Essa Biblioteca faz parte da Rede de Bibliotecas pela Paz e foi inaugurada no ano de 2021, juntamente com o COMPAZ que fica localizado na comunidade do Coque, no bairro de São José/Joana Bezerra, sendo uma das sete bibliotecas que compõem essa Rede. A Rede de Bibliotecas pela Paz é um dos programas da Secretaria de Segurança Cidadã do Recife, que tem como principal objetivo a promoção da cultura de paz em espaços de convivência comunitária, em bairros de grande vulnerabilidade social e econômica. Em sintonia com a disseminação da Cultura de Paz, a biblioteca oferece atividades lúdicas, artísticas e pedagógicas que partem principalmente das ações de mediação de leitura. Ancorado no conceito de Biblioteca Viva, esse espaço é o “ponto alto” do COMPAZ e é inspirado nas bibliotecas-parque da Colômbia.

Funciona das 09h00 às 18h00, de segunda a sexta-feira, e aos sábados e domingos das 08h00 às 12h00. Sua estrutura física está dividida em: recepção, área de estudos, ilha de computadores, sala da gerência, sala de processamento técnico, área infanto-juvenil e uma bebeteca.

No cronograma de funcionamento da biblioteca são oferecidas algumas atividades regulares, tais como: Pintando o 7, Hora do Conto, Engatinhando na Leitura, Oficina de Letramento, Alfabetização e Tecnologia, Bibliotec, Tab & Tec, Pegue e Leve e Leia, Cineminha, Bebeteca, entre outras. A maioria das atividades iniciam com um acolhimento e mediação de leitura ou contação de história. Elas acontecem nas áreas da biblioteca e principalmente no espaço infantil. Após a parte literária, desenvolvemos a parte prática com alguma atividade manual, artesanal ou com recursos de tecnologia.

Todas as atividades são direcionadas ao público que realiza inscrições prévias, sendo prioritariamente crianças e jovens que estão no contraturno escolar ou que tenham interesse e disponibilidade para frequentar os encontros que normalmente acontecem duas vezes por semana, com duração de no máximo duas horas por atividade. A complementaridade em relação às atividades escolares está pautada na compreensão de que

é importante que essa proposta de educação não formal funcione como espaço e prática de vivência social, que reforce o contato com o coletivo e estabeleça laços de afetividade com esses sujeitos. (...) As atividades de educação não formal precisam ser vivenciadas com prazer em um local agradável, que permita movimentar-se, expandir-se e improvisar, possibilitando oportunidades de troca de experiências. (Simson, Park, Fernandes, 2001, p. 03).

BEBETECA

A Bebeteca é um espaço que é ambientado para favorecer o brincar livre, com inspiração na abordagem de Emmi Pikler, pediatra que estudava o desenvolvimento neuropsicomotor da criança a partir do movimento livre, e sua abordagem possibilita que o cuidador entenda a criança e estabeleça um vínculo com ela. O espaço tem como objetivo estimular o brincar livre, as experiências afetivas, emocionais, sensoriais e o desenvolvimento motor, cognitivo e da linguagem por meio dos brinquedos e objetos contidos no espaço.

Na Bebeteca, as crianças de até 6 anos são inscritas em turmas juntamente com seus cuidadores (geralmente são as mães que acompanham, mas também podem ser irmãos mais velhos ou outros adultos). Os encontros na Bebeteca ocorrem nas quartas e sextas-feiras e duram uma hora por sessão. São distribuídas por faixa etária: 6 a 12 meses; 1 ano a 1 ano e 11 meses; 2 a 3 anos; 3 a 4 anos e 11 meses.





Foto 1 -Sessão de Bebeteca. Gabriela, Ericka e Franciele com seus filhos: Willian, Bernardo e Ravhy



Foto 2 -Sessão de Bebeteca. Helânia e seu filho Gael.



Foto 3- Ana Beatriz e Prince Rael na Bebeteca



Foto 4 - Hora do Conto. Arte educadora Carol e crianças.

Sabemos que as vivências na primeira infância irão acompanhar esse indivíduo para o resto de sua vida. Quando a mãe conversa com o bebê ainda na barriga, lê livros e/ou conta histórias com diferentes entonações, percebemos que esses são os primeiros estímulos ao mundo mágico da leitura, e que essa prática precisa continuar após o seu nascimento. Esses momentos serão lembrados pela criança depois do nascimento.

Compreende-se que a leitura estimula a memória, a concentração, o raciocínio lógico, a linguagem oral e a imaginação da criança. Por isso, além das sessões de brincar livre, no espaço da Bebeteca também são proporcionados momentos de contação de histórias, da leitura de imagens e de outros objetos e da musicalização.

O planejamento das atividades e dos encontros é elaborado previamente e ajustado conforme as necessidades e demandas dos encontros. Para as crianças com até 3 anos de idade, escolhemos livros sensoriais, que estimulem principalmente a visão, o tato e a audição. Para as crianças de 3 aos 6 anos, usualmente indicamos livros que ajudam a lidar com suas emoções e sentimentos. Tanto na biblioteca quanto nas suas casas o papel do adulto cuidador é fundamental nesse processo. Através da leitura de livros, podemos criar conexões com situações diárias do nosso cotidiano.

As experiências de mediação de leitura e de disponibilização de acervos para a brincadeira livre nos espaços da Bebeteca nos permitem concluir que promover a leitura ainda na infância contribui para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da compreensão de mundo e do pensamento crítico. Consideramos que atividades como contação de histórias, mediação de leitura e outras práticas ludo-pedagógicas devem ser incentivadas desde a primeira infância e podem contribuir para o desenvolvimento do gosto pelo mundo literário. Essas atividades apoiam o desenvolvimento humano de maneira positiva e integral. Ler e contar histórias auxiliam na construção de personalidade e identidade desse “pequeno leitor”, que demonstra interesses e evidencia sua participação por meio de comentários e questionamentos e outros gestos e movimentos.

É de suma importância a existência de espaços públicos que ofereçam um ambiente acolhedor para toda a família, e que todos possam desenvolver plenamente suas competências intelectuais e sociais e afetivas.





Foto 5 – Waldemilla, Izaiane, Izabela e Alice com seus filhos: Ana, Maysa, Arthur e Ruan.



Foto 6 – Miguel e Isis no momento leitura. Sessão de Bebeteca.



A biblioteca vai à comunidade - das margens do lago João Barbosa aos quilombos remanescentes

Patrícia Vasconcelos Santos Araújo
Erenice da Silva Barbosa (Colaboradora)
Miriam Pereira Lima (Colaboradora)

Como tudo começou

A sede da Biblioteca Pública Municipal Professora Marli Ferreira Veras fica no centro da cidade de Triunfo, em frente ao Lago João Barbosa Sitônio, uma das riquezas locais. A estrutura geográfica da região torna distante o acesso a esse espaço pelos que moram na Zona Rural, especialmente o público infantil. Para que seus pais ou responsáveis possam trazê-los à Instituição, precisam arcar com gastos referentes ao transporte coletivo, o que compromete a renda das famílias, que, em sua maioria, sobrevive da agricultura. Ao avaliarmos as estatísticas mensais sobre cadastro de usuários e fluxo de saída do nosso acervo, reafirmamos o pensamento de que a Biblioteca precisaria encontrar caminhos para contemplar, em maior proporção, os munícipes da Zona Rural.

O que, então, a Biblioteca poderia fazer para atendê-los, especialmente aos residentes das Comunidades Remanescentes Quilombolas?

Como resposta ao desafio, a equipe pensou no desenvolvimento de um Projeto numa logística de mão dupla: a ida da Biblioteca até essas comunidades e a articulação da Biblioteca junto à gestão municipal para trazer as crianças de cada localidade para a Biblioteca. Para viabilização da vivência do Projeto, firmou-se uma parceira entre a Biblioteca Pública Municipal, a Secretaria Municipal de Educação, a Secretaria Municipal de Cultura e a Associação das Comunidades Quilombolas do Sítio Águas Claras e do Sítio Santa Rosa.

O desafio maior

Todas as ações deveriam contribuir positivamente para a vida das crianças das Comunidades Quilombolas, com vistas a incentivar a leitura como uma prática frequente; estimular o entendimento da leitura como fonte acessível de ampliação de conhecimentos e como instrumento contributivo para o reconhecimento identitário; provocar o encantamento das crianças pelo próprio corpo num contexto educacional que contribua para a construção de um “contracorpo negrorreferenciado” resistente às formas de violência diversas; resgatar fatos e conhecimentos que contribuam para a perpetuação das memórias das comunidades às quais pertencem.

A logística para chegarmos às Comunidades Remanescentes Quilombolas

Após os encontros da equipe de funcionários (Edna Florentino, Eduardo dos Santos, Erenice Barbosa, Fátima Viana, Patrícia Vasconcelos e Sara Lima) para elaboração do planejamento anual, e reuniões com a Secretária Municipal de Educação (Miriam Pereira), aconteceram momentos de conversas com as representantes de cada Associação (Sra. Solange e Sra. Vanilma), para agendamento das datas em dias de sábado, nas quais deveriam ocorrer o deslocamento da equipe da Biblioteca até as Comunidades ou para a vinda das Comunidades até a Biblioteca.

Posteriormente, as datas foram informadas à Secretária de Educação do Município, que providenciou junto à gestão municipal o transporte que levaria a equipe da Biblioteca até os Sítios Águas Claras e Santa Rosa, ou que traria as crianças de lá para cá.

Esse trajeto é feito por estradas vicinais, numa distância aproximada de 12 km. O horário escolhido, sempre o mais oportuno para os moradores locais: manhã ou tarde.



Planejamento das ações propostas para vivência do Projeto

Os preparativos antecedentes ao dia de cada visita

A equipe de funcionários da Biblioteca se reuniu para escolha de obras do acervo, especialmente as que apresentem personagens e/ou autores negros, para o público infantil, tanto durante a visitação como para empréstimo; preparação de contação de história (fantoques, palitoches, avental de histórias, baú de livros, repertório musical, dentre outros); planejamento das mediações de leitura e das oficinas a serem desenvolvidas, a partir da temática central selecionada para cada momento.



Ida da equipe até as Comunidades Remanescentes Quilombolas, pelas estradas vicinais do Município

Os sábados nas Comunidades x os sábados na Biblioteca

Em ambos os espaços realizaram-se contação de histórias e mediação de leitura, feitas pela contadora de histórias Erenice Barbosa; roda de conversa com a participação dos pais e/ou reponsáveis presentes; desenvolvimento de oficinas; vivência de brincadeiras; momento de lanche coletivo; doação de exemplares do acervo da Biblioteca Municipal, sempre que possível, para a ampliação do acervo dessas bibliotecas comunitárias; entrega dos livros que ficam disponibilizados ao público infantil nos 60 dias seguintes à visitação, para levarem para casa como empréstimo, sob a responsabilidade dos moradores da própria comunidade, na sede de cada Associação.



Presença na Comunidade Remanescente de Águas Claras





Realização de oficinas e contação de histórias na Comunidade Remanescente da Santa Rosa



Mediação de leitura, empréstimos de livros e doação de livros na Comunidade Remanescente da Santa Rosa



Arraiá Literário na Biblioteca com as crianças das Comunidades Remanescentes de Águas Claras e Santa Rosa

Muito nos honra a confiança recebida ao longo da vivência e consolidação da parceria firmada com todas as comunidades envolvidas. Fomentar o hábito da leitura de obras da literatura infantil, especialmente as negrorreferenciadas, em meio a Comunidades Quilombolas ricas em saberes, valores e propósitos, nos oportuniza participar de um processo já existente de ressignificação, valoração e enfrentamento de preconceitos. Estarmos envolvidos nessa caminhada é, para nós, uma grande responsabilidade que assumimos enquanto Instituição Pública, num período que entendemos deve perpassar a vivência do Projeto.

A leitura deve proporcionar aos participantes uma projeção de futuro alicerçado na coragem e na esperança do viés da negritude, para que as crianças cresçam empoderadas no combate ao racismo e se enxerguem em outros espaços, vislumbrando outras possibilidades para si e para a comunidade à qual pertencem. Esperamos que ao longo dessa experiência cada criança se sinta parte da Biblioteca Municipal e que, por meio dela, lhes sejam oportunizadas vivências de situações diversas, centradas na leitura de cunho histórico-cultural, cujas bases sejam a valorização identitária, a preservação de memórias e a igualdade social.



Brincando com o tempo: descobrindo as raízes do município de feira nova

Elias Machado de Farias Neto
Sandra Aparecida Vasconcelos

Integrante da equipe da Biblioteca Municipal Iracilda Bezerra da Rocha - Feira Nova
Coordenadora da Biblioteca Municipal Iracilda Bezerra da Rocha - Feira Nova

No ano de 2023, a Biblioteca Municipal Iracilda Bezerra da Rocha, em parceria com a Prefeitura de Feira Nova/PE e as escolas públicas e privadas da rede municipal de ensino, deu início ao Projeto “Brincando com o Tempo: Descobrindo as Raízes do Município”. Esse Projeto foi especialmente desenvolvido para crianças de 0 a 8 anos, com o objetivo de proporcionar uma alfabetização cultural sobre suas identidades e raízes históricas. A ideia central era criar um vínculo entre as novas gerações e a história local, fomentando um senso de pertencimento desde a primeira infância. Com essa iniciativa, buscamos introduzir as crianças à rica identidade cultural de Feira Nova, resgatando memórias do passado e mostrando as transformações arquitetônicas e paisagísticas do centro da cidade, desde a década de 1970.

Para atingir esses objetivos, foram organizadas exposições de imagens e fotografias históricas que capturavam momentos significativos da evolução urbana do município. Essas exposições foram cuidadosamente elaboradas para serem acessíveis e interessantes para o público infantil, utilizando painéis interativos e atividades lúdicas que facilitavam a compreensão das mudanças ao longo do tempo. A narrativa visual foi complementada por oficinas de contação de histórias, nas quais foram citados relatos de moradores antigos que compartilhavam suas experiências e lembranças, criando uma ponte viva entre o passado e o presente. Esse enfoque integral no desenvolvimento das crianças contribuiu significativamente para a formação de cidadãos conscientes e ativos na preservação e valorização de sua história e cultura. Assim, o Projeto não só educou, mas também inspirou as crianças a se tornarem guardiãs de sua herança cultural, plantando sementes de respeito e admiração por sua cidade natal desde cedo.

O Projeto se materializou por meio de uma exposição de imagens que retratavam a paisagem do centro de Feira Nova durante a década de 1970. Essas imagens foram cuidadosamente selecionadas para destacar as mudanças significativas ocorridas ao longo do tempo, abrangendo aspectos como a arquitetura dos prédios, a disposição das ruas e praças e as transformações nas atividades cotidianas da população.

Para garantir que a exposição fosse atraente e educativa para as crianças de 0 a 8 anos, as imagens foram organizadas de forma cronológica e acompanhadas por descrições simplificadas, porém informativas, que ajudavam a contextualizar cada período. A exposição foi apresentada ao público infantil das escolas públicas e privadas da rede municipal, proporcionando a esse público uma imersão no passado do município.

Além das fotografias, foram utilizados recursos multimídia,

como vídeos curtos e narrações interativas, que permitiam às crianças ouvirem relatos de antigos moradores sobre como era viver em Feira Nova durante aquela época. Essas narrações, muitas vezes emocionantes e cheias de detalhes pessoais, ajudaram a trazer as imagens estáticas à vida, oferecendo uma visão mais completa e envolvente do passado.

Para tornar a experiência ainda mais interativa, a exposição contou com painéis táteis que permitiam às crianças tocar em réplicas de objetos antigos, como ferramentas, brinquedos e utensílios. Essa abordagem sensorial facilitou a compreensão das mudanças históricas e estimulou a curiosidade natural dos pequenos. Essa combinação de elementos visuais, auditivos e táteis criou um ambiente de aprendizagem dinâmico e envolvente, permitindo que as crianças não apenas vissem, mas também sentissem e compreendessem as transformações que moldaram seu município ao longo das décadas.

Inicialmente, enfrentamos o desafio de tornar a exposição atraente e compreensível para crianças pequenas. Para isso, adotamos uma abordagem lúdica e interativa. As imagens não foram apenas exibidas; elas foram acompanhadas de atividades interativas que incentivavam as crianças a refletirem e expressarem suas percepções das mudanças ocorridas na paisagem do município.

As atividades incluíram jogos de memória com imagens antigas e atuais e sessões de contação de histórias, nas quais antigos moradores relataram suas vivências e as transformações que testemunharam. Sandra Aparecida, uma das coordenadoras do Projeto, destacou:

A interação das crianças com essas atividades foi surpreendente. Elas estavam genuinamente curiosas e engajadas em entender como era a cidade onde vivem. Isso nos deixou felizes em poder ver o quão enriquecedor esse projeto foi para o desenvolvimento identitário e cultural das crianças.

O Projeto revelou-se uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento do senso de pertencimento e identidade entre as crianças. Ao conhecerem a história local, elas começaram a perceber a importância de preservar e valorizar o patrimônio cultural. Esse contato direto com o passado de Feira Nova não apenas ampliou o conhecimento histórico das crianças, mas também fortaleceu os laços emocionais com sua comunidade.

Ao aprenderem sobre as transformações urbanas ao longo do tempo, as crianças foram estimuladas a desenvolver um pensamento crítico. Elas passaram a questionar por que certas mudanças ocorreram, como essas transformações impactaram a vida das pessoas e o que pode ser feito para preservar a memória e o patrimônio cultural do município. Essas reflexões críticas são essenciais para formar cidadãos conscientes e engajados, capazes de participar ativamente na construção de uma sociedade mais consciente e preservacionista.

O Projeto foi importante para a vivência das crianças, pois ofereceu a elas uma compreensão profunda e significativa de suas raízes culturais e históricas. Essa compreensão é fundamental para o desenvolvimento de uma identidade pessoal e coletiva sólida. Quando as crianças entendem de onde vêm e a história do lugar onde vivem, elas se sentem mais conectadas à sua comunidade e mais motivadas a contribuir positivamente para o seu desenvolvimento futuro.

O impacto do Projeto vai além do simples aprendizado histórico. A interação com a história local e o envolvimento em atividades criativas e interativas promovem habilidades sociais, emocionais e cognitivas importantes. As crianças aprendem a trabalhar em grupo, a respeitar as opiniões dos outros e a expressar suas próprias ideias de maneira construtiva. Essas habilidades são essenciais para seu desenvolvimento integral e para sua capacidade de lidar com desafios futuros.

Por meio do Projeto, pudemos promover a autoestima e o orgulho local. Ao verem seu município valorizado e reconhecido, as crianças desenvolvem uma maior confiança em si mesmas e em sua comunidade. Elas aprendem que seu passado é importante e digno de preservação, o que pode inspirá-las a sonhar grande e a acreditar que podem fazer a diferença. Ao envolver as crianças em atividades lúdicas e educativas que destacam a importância do patrimônio cultural, o Projeto contribuiu para a formação de uma mentalidade de respeito e valorização das diferenças culturais. Isso é crucial em um mundo cada vez mais globalizado e diversificado, onde a capacidade de apreciar e respeitar diferentes culturas é uma habilidade valiosa.

O impacto do Projeto foi profundo e multifacetado. Além de promover o conhecimento histórico, a exposição despertou nas crianças um respeito pelo patrimônio cultural e um desejo ardente de preservar a história de sua cidade. Ao se depararem com as imagens e relatos do passado, as crianças começaram a perceber a importância das gerações anteriores e a valorizar as tradições e histórias que moldaram a identidade de Feira Nova. Esse despertar não apenas educou, mas também criou um senso de responsabilidade e orgulho nas crianças, fortalecendo seu vínculo com a comunidade.

Os professores relataram um aumento significativo no interesse dos alunos por temas relacionados à história e à cultura local. As crianças, ao se tornarem pequenas historiadoras e investigadoras, passaram a valorizar mais o lugar onde vivem e a importância de cuidar de seu patrimônio. Esse interesse renovado se manifestou de diversas formas, desde a maior participação em atividades escolares relacionadas à história até a criação de projetos pessoais sobre o passado de Feira Nova.

A exposição “Brincando com o Tempo” tornou-se um ponto de partida para discussões sobre a importância da preservação cultural e patrimonial, fortalecendo os laços comunitários. Pais, professores e moradores se envolveram ativamente, compartilhando suas próprias memórias e

histórias, o que enriqueceu ainda mais o aprendizado das crianças. Esse envolvimento comunitário criou um ambiente de aprendizagem colaborativo e intergeracional, e cada membro da comunidade contribuiu para a construção de uma narrativa coletiva.

Além disso, a exposição gerou um impacto positivo nas relações entre a escola e a comunidade. Ao verem seus filhos envolvidos e entusiasmados com o Projeto, os pais passaram a participar mais ativamente das atividades através de seus próprios relatos históricos do município, fortalecendo o vínculo entre família e escola. Esse engajamento aumentou a coesão social e promoveu uma maior integração entre diferentes gerações, resultando em uma comunidade mais unida e consciente de seu patrimônio cultural.

Realizar o Projeto “Brincando com o Tempo: Descobrimos as Raízes do Município” foi uma experiência enriquecedora e transformadora. Esse Projeto não apenas introduziu as crianças à história de Feira Nova, mas também desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de cidadãos conscientes e ativos na preservação de sua cultura. Por meio da educação patrimonial desde a infância, estamos formando uma geração que valoriza suas raízes e está comprometida com a preservação de sua história e identidade cultural. Espero que essa iniciativa inspire outros municípios a desenvolverem projetos semelhantes, promovendo o conhecimento e a valorização do patrimônio cultural em todo o país.



Processos formativos, extensão e mediação de leitura: uma imersão nas bibliotecas comunitárias

Ywanoska Gama
Maria Emília Lins

Ywanoska Gama - Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco
Maria Emília Lins - professora da Universidade Federal de Pernambuco

O Programa de Extensão Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas comunidades foi criado em 2021, a partir de uma parceria já existente entre o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da Universidade Federal de Pernambuco, bibliotecas comunitárias da Região Metropolitana de Recife e a Biblioteca Comunitária do Alto do Moura, em Caruaru. O movimento de formação em mediação de leitura, construção colaborativa de festivais literários das bibliotecas comunitárias, a Feira Territórios Interculturais de Leitura, do Centro de Educação, assim como outras ações conjuntas com publicações e participação em projetos diversos, trouxeram, ao longo dos anos, algumas demandas das bibliotecas e a necessidade de uma maior inserção da universidade nesses espaços comunitários de garantia do direito à literatura.

A iniciativa partiu de uma provocação do Reitor da Universidade Federal de Pernambuco que, diante dos nossos encaminhamentos de pedidos de apoio para os projetos desenvolvidos nessas parcerias, nos propôs, enquanto coletivo, que essas ações fossem todas integradas em um Programa de Extensão, com maior abrangência e possibilidades de atuação. Nesse sentido, foram disponibilizadas inicialmente pela universidade 14 bolsas de extensão para estudantes, que foram selecionados segundo normas definidas em um edital.

Na primeira fase, integravam o Programa 14 bibliotecas comunitárias, cada uma recebendo um bolsista para atuar em mediação de leitura, cooperação na organização do acervo e empréstimos, projetos envolvendo a comunidade, dentre outras ações específicas da rotina de cada biblioteca. Além disso, os bolsistas participavam de encontros mensais de formação com profissionais e convidados do CEEL e contribuía com os mutirões de organização da Feira de Leitura e de festivais literários das bibliotecas integrantes do Programa. Como o Programa foi

implementado no contexto da pandemia e as atividades presenciais estavam suspensas nas bibliotecas, muitas das bibliotecas passaram a desenvolver atividades virtuais de mediação de leitura, por meio de redes sociais, de vídeos que circulavam pelos grupos de WhatsApp da biblioteca com sua comunidade e de outras formas possíveis de levar literatura à comunidade, sem colocar em risco a saúde das pessoas, e os bolsistas se integraram a essa nova rotina. Os encontros formativos passaram a compor com maior frequência nossas rotinas, sendo realizados de forma virtual, bem como as atividades como Feira e festivais, demandando atividades desses bolsistas também.

O retorno gradual às atividades foi também um desafio para a recriação de rotinas possíveis, mas as atividades formativas permaneciam de forma virtual. A saída do Programa de algumas bibliotecas e de alguns bolsistas, em função de conclusão de curso ou aprovação em algum processo seletivo para outras atividades, trouxe, em diversas ocasiões, uma dinâmica de ajustes e reordenamentos, mas em todo esse processo entendíamos o caráter formativo do Programa para todas as pessoas envolvidas. Por esse motivo, ao pensar em trazer um depoimento a respeito da experiência, o primeiro aspecto que veio à memória em nossa proposta de escrita foi seu caráter formativo e a ideia de que teríamos depoimentos dentro desse depoimento. Assim surgiram essas linhas que apresentamos aqui.

Desde o início, o Programa recebeu estudantes dos cursos de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia, não apenas articulando diferentes graduações, como também colocando em diálogo diferentes olhares e experiências sobre mediação de leitura, bibliotecas e formação de leitores.

A necessidade de manter diálogos permanentes, estudo e acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos bolsistas nas bibliotecas comunitárias (BCs) veio desde o início do Programa e mobilizou a coordenação na busca de parcerias dentro do próprio CEEL, para compor um processo formativo sistemático com periodicidade e trazendo pessoas de fora para diálogos com o grupo. Tivemos momentos de encontros virtuais envolvendo um grande grupo composto por coordenadores de bibliotecas comunitárias, mediadores de leitura e bolsistas de extensão. Desde o início de 2023, implementamos uma rotina de formação especialmente pensada para os bolsistas, que teve início com módulos específicos sobre:

- bibliotecas comunitárias e o direito à literatura;
- o que é ser mediador de leitura em biblioteca comunitária;
- mediação de leitura: estratégias e concepções;
- curadoria literária: o que é “qualidade” em uma obra literária;
- experiências de leitura em bibliotecas comunitárias.

Buscamos, ainda, implementar uma rotina formativa em que circulassem pelas bibliotecas integrantes do Programa, de forma a partilhar experiências e conhecer as diferentes bibliotecas e comunidades envolvidas nesse Programa. Assim, ficou estabelecida uma visita mensal a uma biblioteca e um encontro de formação no espaço interno do CEEL. Embora o foco fosse a interlocução entre os bolsistas do Programa, participaram, em diferentes momentos, mediadores de leitura do Espaço Literário das Crianças, da Biblioteca do Centro de Educação da UFPE, alguns coordenadores de biblioteca (em encontros pontuais), voluntários das bibliotecas (especialmente da Biblioteca Comunitária Mangueira da Torre e Biblioteca Popular do Coque) e alguns estudantes de graduação e pós-graduação convidados por bolsistas do Programa.

Além desse movimento, os bolsistas participam ativamente de eventos interligados de festivais literários das BCs e da Feira Territórios Interculturais da Leitura, do Centro de Educação, organizado pelo CEEL. Desde a organização até a realização dos eventos, e mesmo nas transmissões de atividades desenvolvidas de forma remota, a energia jovem dos bolsistas tem impulsionado muitas construções importantes nesse processo. As atividades que antecedem tais eventos literários, como o “Sebo solidário”, contam também com a participação intensa dos bolsistas que, interagindo com o público que circula pelo Centro de Educação, fazem indicações de

leitura, registram depoimentos e cenas interessantes e trocam impressões sobre livros e leituras entre si e com o público.

Entendemos que esse movimento tem fortalecido não apenas o Programa em si, mas também a formação acadêmica e pessoal de cada pessoa envolvida, como verificamos nos depoimentos de alguns dos bolsistas que trazemos aqui neste texto.

Leitura de mundo, leitura da palavra: o sentido do Programa para os jovens bolsistas

Aqui será o espaço de trazermos diferentes depoimentos e fazermos uma costura falando da ampliação do olhar sobre o papel das BCs na vida das pessoas, contribuições do Programa à formação de cada uma e cada um, a relação com a literatura...

Esse entrelaçamento de experiências e depoimentos reafirma a importância da troca de saberes que o Programa representa e a necessidade de ações dessa natureza, ampliando a leitura crítica de nossos estudantes e estimulando o diálogo e a construção coletiva junto com as comunidades, tendo a literatura como um elo de interlocução sobre diferentes olhares sobre o mundo e sobre nós.



Trabalhar na biblioteca foi uma experiência transformadora. Foi nesse ambiente acolhedor e inspirador que pude me tornar a pessoa e o profissional que sou hoje. A biblioteca não foi apenas um local de trabalho, mas um verdadeiro lar, onde aprendi, cresci e me desenvolvi de maneiras que jamais imaginei.

Desde o primeiro dia, fui acolhido por uma equipe arretada que me mostrou o verdadeiro significado de colaboração e amizade. Juntos, enfrentamos desafios, comemoramos vitórias e compartilhamos risadas que tornaram nossa jornada ainda mais especial.

Esse tempo como extensionista foi repleto de aprendizados e experiências que levarei para sempre comigo. Os projetos que desenvolvemos, as iniciativas que promovemos, a vidas que alcançamos e as histórias que vivemos são testemunhos do nosso compromisso e paixão pelo que fazemos.

Fernande Luiz de Oliveira

Estudante de Biblioteconomia – 8º período
Atuou durante dois anos como bolsista do Programa na Biblioteca do Perú – Jaboatão dos Guararapes

Enxergo o Programa de Extensão Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas Bibliotecas Comunitárias como um agente ativo de democratização da literatura, da ciência e da educação, em âmbito interno e externo. No âmbito interno, estamos em constante aprendizagem nas possibilidades de mediação de informações, e, no aprimoramento de expertises em comunicação com públicos que possuem necessidades linguísticas e comunicativas específicas. Já no âmbito externo, o caráter democratizador se concretiza nas ações que extrapolam os muros da Universidade, chegando nas Bibliotecas Comunitárias que estão inseridas nas bases sociais, contribuindo diretamente nas potencialidades de transformação por meio das práticas educacionais. Viver a experiência de bolsista está sendo de extrema importância para o meu amadurecimento profissional, acadêmico e pessoal.



Marcos Antônio

Bolsista que atua nas atividades itinerantes da Biblioteca Comunitária das Formiguinhas Sem-Teto, que tem foco na educação popular e mediação de literatura nas ocupações territoriais que integram o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto de Pernambuco.



Quando comecei a me questionar sobre "Qual era a minha importância?", "Por que os bolsistas são tão importantes no dia a dia das bibliotecas?"... foi quando, ao olhar os registros para entender qual meu papel na biblioteca, em cada foto eu consegui me lembrar de algo que fez daquele momento tão especial. Como no dia que fiz pela primeira vez a leitura do livro "As princesas também saltam pum" e as crianças deram várias gargalhadas sinceras, como no dia que uma das crianças não sabia ler e me deixou ajudá-la ou quando os meninos vieram do treino (de esportes) e se sentaram para ouvir histórias e estavam tão envolvidos que os olhos deles brilhavam. A Biblioteca Amigos da Leitura não é apenas um lugar para as crianças, mas é para toda a comunidade e todos se sentem confortáveis lá. Eu percebo como Fábio, Selma e sua equipe são queridos pelos moradores e como também fui cercada por esse carinho. Posso dizer que o fato de trabalhar na biblioteca me mudou bastante. Como profissional, trabalhar em uma biblioteca comunitária me fez perceber que existem infinitas maneiras de pessoas se aproximarem dos livros e confiar que os livros podem mudar nosso modo de perceber a realidade. Como pessoa, aprendi a desenvolver minha capacidade de socialização, a ser uma pessoa mais gentil, alegre e observadora. Ao longo desses meses todos os momentos que passei foram extraordinários.

Alice Alves da Silva

Estudante de 3º período do Bacharelado em Letras e bolsista do Programa desde agosto/2023.



A Biblioteca Multicultural Nascadouro contribui na minha formação social e acadêmica desde minha infância, através do método peculiar de formar leitores/as, a partir da memória afetiva do bairro. Sendo um menino ribeirinho/periférico, tinha nos livros literários o espaço, conforto e diversão em meio às dificuldades do dia a dia. Hoje, como estudante na área da Educação, percebo o quanto é importante a existência de espaços como esse inseridos dentro das comunidades; para o processo de educação cultural, política e social, bem como na formação de leitores ativos e críticos. Além disso, o acesso à literatura como ferramenta de transformação e construção do pensamento, para muitos que não têm essa oportunidade, é de crucial importância.

Marcos Lima Varela

Estudante do 4º período de Pedagogia. Atua como bolsista na Biblioteca Multicultural Nascadouro. Quando criança, residente na comunidade, foi frequentador assíduo da BMN.



A literatura e o sonho por uma cidade digna para as crianças sem-teto

Maria de Fátima da Conceição Dutra
Isis Thayzi Silva de Souza
Marcos Antonio da Silva Junior
Emmanuele de Nazareth Duarte Oliveira

Maria de Fátima da Conceição Dutra - Coordenadora da Biblioteca Comunitária das Formiguinhas Sem-Teto
Isis Thayzi e Emmanuelle - membros da equipe pedagógica do MTST
Marcos Antônio - Bolsista do Programa de Extensão - estudante de Biblioteconomia

Existem diferentes formas de espalhar a literatura para diferentes cantinhos do mundo. Quem sabe não é o contato com o mundo imaginário que nos permite viajar para além dos nossos territórios e realidades, permitindo a arte da própria palavra.

Vamos contar uma história a vocês, a história partilhada de um sonho por uma cidade digna que começou no movimento de itinerância literária, facilitando modos de habitar os livros em territórios que geralmente não têm acesso a esse bem cultural. As crianças sem-teto, muitas vezes, só têm contato com a literatura através do processo de escolarização, e quando falamos da primeira infância, questões como a insegurança alimentar e falta de moradia digna perpassam a realidade e ferem os princípios básicos dos direitos e da necessidade comum de moradia como um bem viver. Como consequência de uma sociedade desigual, capitalista e excludente, as pessoas são jogadas à margem e constituem as periferias. É nesses territórios que as reivindicações e pautas em comum se encontram e a luta é fomentada.

As atividades de itinerância literária começaram em 2020. Tínhamos livros na mão e a vontade de espalhar a literatura em cada canto dos barracos e lonas das nossas ocupações. A nossa prática foi materializada com a construção da Biblioteca Comunitária das Formiguinhas Sem-teto, localizada no bairro da Torre, em Recife.

Para nós, uma biblioteca comunitária sem-teto deve extrapolar seus muros, levar os livros para diferentes territórios e desenvolver intervenções literárias que culminem em práticas de acesso à leitura, à cultura, ao lazer e à inclusão social. A nossa prática só faz sentido se estiver articulada às necessidades básicas das nossas crianças, jovens, adultos e idosos sem-teto, o que perpassa questões que envolvem a luta pela moradia, o direito à cidade, ao trabalho e ao livro, o que engloba o direito à própria dignidade. Por isso, quando movimentamos os livros nos baús para além da biblioteca, estamos movimentando histórias, memórias, narrativas, conhecimento e a própria capacidade de os sujeitos pensarem sobre modos de recriar a escrita através da palavra.

Pelo direito de sonhar: qual a cidade que as crianças sem-teto desejam?

O projeto Pelo direito de sonhar: qual a cidade que as crianças sem-teto desejam? foi iniciado no intuito de incluir a literatura na pauta do direito à cidade, na defesa de uma cidade mais justa e menos desigual, especialmente diante da realidade excludente da cidade do Recife, e pela dignidade da vida dos sem-teto. Para tanto, discutimos a cidade que queremos, por meio de oficinas, buscando problematizar o que as crianças sem-teto pensam sobre seus bairros, procurando pensar sobre suas histórias e a existência de uma cidade justa, a partir da percepção das próprias crianças sobre dignidade.

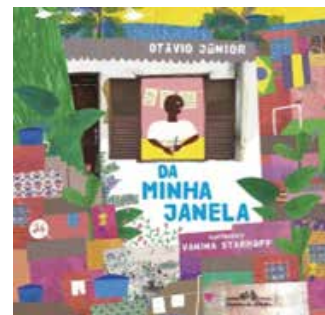
O livro Da minha janela, de autoria de Otávio Júnior, foi usado nas oficinas para problematizar a realidade vivida por crianças das favelas do Rio de Janeiro. A partir de suas janelas, as crianças observavam o cotidiano, os desafios e as belezas muitas vezes não explícitas da vida na favela. A partir disso foi possível pensar sobre o que as crianças sem-teto podem visualizar de suas janelas, para além de uma realidade injusta que cerceia o próprio direito de brincar. Também tratamos de discutir o que está além de fatores que marcam a condição precária de vida, próprio de um modelo de cidade que anuncia o que não podem ter, mesmo quando outros têm em termos da riqueza material.

Dentro da beleza que ainda pode ser contada, as crianças sem-teto manusearam e observaram fotografias que buscaram registrar os cantinhos mais bonitos das suas ocupações, como os pés de flores, a horta dando frutos e o céu que viam acima dos seus barracos. Olhar a beleza para além do que a desigualdade lhes oferece foi um movimento possível por meio dos registros fotográficos, que lhes mostraram o que tem de bonito em suas ocupações, desmitificando a ideia de que esses espaços são abandonados ou de que não há responsabilidade organizativa nesses territórios. É possível encontrar boniteza na simplicidade dos barracos, dos becos, das

hortas comunitárias, no campinho de futebol, nas portas de madeiras e nas janelas de seus lares. No Brasil, é preciso travar muita luta diante uma realidade em que a política habitacional não é priorizada. Também é preciso combater formas de explicar a realidade da exclusão que responsabilizam as vítimas. É preciso disputá-las!



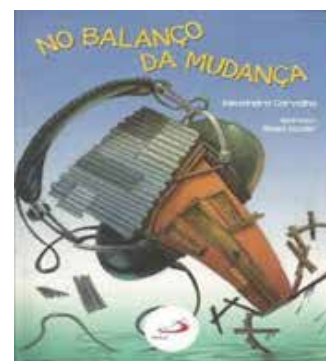
O livro *Carolina de Jesus*, de autoria de Adriana de Almeida, da coleção *Vidas que inspiram*, foi pensado como forma de apresentar a potencialidade da história de Carolina de Jesus, nome dado à primeira ocupação territorial do MTST em Recife. A literatura de Carolina foi pensada como modo de resistência e subversão diante de uma realidade cruel e opressora, mas ao mesmo tempo como forma de pensar uma infância marcada pela pobreza, pelo trabalho infantil, pela falta de acesso à educação e pela moradia precária. Infâncias desiguais e multifacetadas diante da realidade que interdita o acesso e não promove a garantia de direitos em condições iguais a todas as crianças. Outro livro usado no Projeto foi *No balanço da mudança*, que conta a história de moradores de uma vila do manguezal que enfrentaram problemas de enchentes devido às fortes chuvas, e buscaram soluções coletivas para o enfrentamento dos problemas relativos ao acúmulo de A história nos ajudou a pensar a respeito da realidade das crianças sem-teto, que se aproxima bastante da história contada, especialmente pela necessidade comum de moradia, os enfrentamentos às ordens de despejo e o engajamento das próprias crianças sem-teto nas mobilizações, atos e protestos organizados pelo MTST, enquanto um movimento social de luta por moradia.



Fonte: <https://11nq.com/p69LA>



Fonte: <https://acesse.one/ka9r4>



Fonte: <https://encr.pw/VdzD9>

Podemos considerar que os livros utilizados nas oficinas abarcaram temáticas que, por meio da literatura, buscaram refletir sobre o que as crianças sem-teto na primeira infância podem fazer, mesmo ocupando as ruas das nossas cidades. As oficinas propiciaram o contato das crianças com cantigas populares, brincadeiras e propostas lúdicas que buscavam acolher as crianças e aguçar seu mundo imaginário. As rodas de conversas englobaram discussões sobre o que é direito, o que é direito à cidade, o que é direito ao brincar e o que as crianças consideram como moradia digna.

Durante as oficinas, as crianças produziram desenhos sobre a moradia e a cidade dos sonhos, com o objetivo de expressar e produzir uma carta-manifesto sobre o direito à cidade. A construção de mapas do bairro e das ocupações foi feita pelas crianças, a partir da sua percepção dos espaços. Foram realizados painéis que buscaram registrar os direitos básicos constitucionais e as principais percepções a respeito do direito à cidade.

Os painéis ficaram expostos em um mural nas paredes da nossa biblioteca comunitária. As crianças realizaram entrevista com os moradores das ocupações e elaboraram perguntas sobre a cidade e sobre a moradia que eles desejam.

Além disso, as crianças produziram vídeos e uma carta-manifesto sobre o direito à cidade e a moradia que desejam ter, a partir de suas percepções a respeito da dignidade. O Projeto culminou com a apresentação da carta-manifesto intitulada Qual a cidade dos sonhos e a moradia que as Formiguinhas Sem-teto do MTST desejam?, no 1º Festival Literário das Formiguinhas Sem-teto, que ocorreu no Centro Cultural e Cozinha Solidária Julieta Hernandez, na comunidade da Vila de Santa Luzia, na Torre, cidade do Recife.



Algumas palavras para a gente pensar sobre literatura, direito à cidade e infâncias

A demanda pelo movimento de itinerância também foi materializada na aquisição de livros e materiais que tratam sobre a temática do direito à cidade e a luta por moradia, para construção de um acervo para a nossa biblioteca comunitária, disponível para toda a comunidade e pesquisadores. Dessa forma, conseguimos ampliar o acervo da nossa biblioteca, com a aquisição de livros que tratam da temática racial, indígena, livros de voltados para a área dos movimentos sociais, direito à cidade e outros temas que envolvem a arte de poetisas pernambucanas.

A partir das atividades propostas buscamos refletir e promover a compreensão acerca das cidades e comunidades sustentáveis, como previsto na estratégia da ODS (Organização de Desenvolvimento Sustentável) da ONU. Nas oficinas, foram utilizados materiais recicláveis, que ajudaram a desenvolver uma consciência sobre a importância de manter o equilíbrio natural do planeta. Alcançamos o objetivo de fomentar a educação urbana para as crianças do MTST/PE, a partir de propostas que estimularam o pensamento crítico, a leitura de mundo e da realidade em que as crianças

estão inseridas, compreendendo a importância delas no processo de luta pelo direito à cidade e moradia. Nesse sentido, as oficinas contribuíram para a compreensão dos direitos básicos constitucionais, como o direito à moradia, à cidade, à educação, à saúde, ao lazer, ao brincar, à alimentação, dentre outros.

As diferentes histórias presentes nos livros contribuíram para o fortalecimento das relações entre as crianças e os adultos sem-teto de diferentes ocupações territoriais e para a reflexão sobre a realidade do bairro e da cidade em que as crianças vivem, a partir do conhecimento da história de luta das ocupações e também de mulheres negras, como a trajetória de Carolina Maria de Jesus. Outro impacto bastante positivo foi a aproximação das crianças com os livros, a partir do interesse pelas histórias e ilustrações. Ademais, a literatura foi utilizada como um meio para a educação em direitos humanos, uma vez que foram tratados temas como desigualdade social, direito à cidade, questões raciais, moradia digna, dentre outros, impulsionando a formação de sujeitos que pensam sobre suas realidades e que buscam transformá-las a partir da luta coletiva.

As crianças se reconheceram nas histórias, especialmente por compartilharem trajetórias referentes à realidade do que é ser uma criança sem-teto, a seus sonhos por uma casinha digna, um campinho de futebol para brincar com seus irmãos e um quartinho para chamar de seu. Nenhuma criança no mundo deveria ser privada de tais direitos!

Por fim, é válido considerar a existência de desafios atrelados à tarefa de garantir minimamente a infância, o lazer, a educação e o direito à moradia, diante da realidade em que as crianças sem-teto são expostas a diferentes formas de vulnerabilidade social. Improvisar o chão das ocupações com tecidos, lonas e livros é uma forma de dar vida ao movimento de itinerância de uma biblioteca comunitária, que não deve estar restrita ao seu espaço físico, mas deve caminhar até extrapolar seus muros e fazer chegar a literatura ao chão das ocupações. Que as nossas formiguinhas tenham acesso ao livro, à leitura e à

literatura, e que elas consigam se encantar com a beleza dos livros e com tudo que eles têm a oferecer, assim como se encantou nossa formiguinha ao observar as ilustrações de Lino, de autoria de André Neves. Ler é sonhar!



Crianças no espaço da biblioteca das Formiguinhas do MTST - Santa Luzia, Recife.

Crescendo entre livros: como a colaboração entre bibliotecas transforma a prática pedagógica na Educação Infantil em Fernando de Noronha

Catarine Pereira Cardoso Marcelino
Gustavo Bezerra

Catarine Pereira - Gestora do Centro Integrado em Educação Infantil Bem-me-quer em Fernando de Noronha-PE.
Gustavo Bezerra - Assistente de Biblioteca/ Superintendência de Educação de Fernando de Noronha.

A história das bibliotecas como espaços de leitura e desenvolvimento crítico remonta à Antiguidade, quando grandes bibliotecas, como a de Alexandria, se tornaram centros de conhecimento e cultura. As bibliotecas têm evoluído ao longo dos séculos, mas sua essência como locais de acesso ao conhecimento e estímulo ao pensamento crítico permanece inalterada. Segundo Chartier (1998), as bibliotecas são fundamentais para a formação de uma consciência crítica e cidadã, pois oferecem acesso a uma vasta gama de informações e perspectivas.

Nas cidades, as bibliotecas desempenham um papel social crucial, funcionando como espaços democráticos de acesso ao conhecimento. Elas são pontos de encontro comunitário, onde diferentes grupos podem se reunir para aprender, discutir e trocar ideias. Ferreira (2006) destaca que as bibliotecas públicas promovem a inclusão social ao proporcionar acesso igualitário à informação, independentemente da condição socioeconômica dos indivíduos.

Para tanto, a ilha de Fernando de Noronha conta com o serviço de três bibliotecas, sendo uma pública e duas escolares. Localizada na Vila do Trinta, a Biblioteca Pública Distrital Heleno Armando, subordinada à Administração de Noronha, por meio da Superintendência de Educação e Desportos Comunitários, tem um acervo com mais de três mil livros, além de uma área reservada à literatura dedicada ao Arquipélago, sendo em sua maioria de autoria noronhense. Portanto, esse equipamento cultural tem por funcionalidade prestar serviços de biblioteca, desenvolver ações de práticas leitoras e formação de leitores, contribuir na preservação da memória, oralidade e cultura local, buscar o fortalecimento do espaço através de parcerias firmadas com instituições e estabelecimentos insulares, além de estimular a utilização do espaço para atividades realizadas pela própria comunidade.

Nas escolas, as bibliotecas são ferramentas pedagógicas indispensáveis. Elas não apenas oferecem recursos para o aprendizado, mas também estimulam o hábito da leitura desde a infância. Segundo Lajolo (2007), a biblioteca escolar é um espaço onde os alunos podem desenvolver sua capacidade de pesquisa, seu gosto pela leitura e sua autonomia intelectual. É um ambiente que complementa o trabalho do professor, proporcionando materiais que enriquecem o currículo escolar.

O Centro Integrado de Educação Infantil (CIEI) Bem-Me-Quer dispõe de uma biblioteca formada por um acervo literário que atende à creche e pré-escola. Nesse lugar, são desenvolvidos encontros literários, como a contação de histórias, musicalização, oficinas de arte e mediação de leitura, tanto para bebês como para crianças até cinco anos de idade, com o propósito de despertar o gosto pela leitura desde cedo, de possibilitar o contato com o livro, a literatura e outras linguagens artísticas na primeira infância, de forma lúdica e prazerosa, num local acolhedor e estimulante à criatividade, à imaginação, ao conhecimento e ao lazer.

Portanto, as bibliotecas, tanto nas cidades quanto nas escolas, são essenciais para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Elas desempenham um papel vital na formação de cidadãos críticos e informados, capazes de participar ativamente da sociedade. A preservação e o fortalecimento desses espaços são fundamentais para garantir que futuras gerações continuem a ter acesso ao conhecimento e à cultura.

A importância da contação de histórias na Educação Infantil

A contação de histórias é uma prática rica e multifacetada na Educação Infantil, servindo como uma ferramenta poderosa para a comunicação e a transmissão de valores culturais. De acordo com Vygotsky (1998), a linguagem é um dos principais mediadores do desenvolvimento cognitivo, e as histórias desempenham um papel crucial nesse processo, ao estimular a imaginação e a compreensão do mundo pelas crianças.

Lembramos que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destacam a importância da contação de histórias como uma atividade que promove o desenvolvimento de várias habilidades essenciais. A BNCC especifica habilidades como a escuta atenta, a ampliação do vocabulário, a expressão de sentimentos e emoções e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. As histórias ajudam as crianças a construir uma compreensão do mundo, a desenvolver a empatia e a internalizar normas e valores sociais.

Por isso, o ato de contar histórias é tão vivo dentro do Centro Integrado de Educação Infantil Bem-Me-Quer. Por ser um espaço que contempla crianças de quatro meses a cinco anos, essa ferramenta é de suma importância para as professoras e assistentes que atuam junto às crianças. Contar histórias estimula a imaginação e a criatividade das crianças. Ao serem introduzidas em mundos fictícios e apresentadas a personagens imaginários, elas são encorajadas a criar suas próprias histórias e seus cenários. Essa prática também promove a interação social, pois as crianças compartilham ideias e respeitam o turno de fala dos colegas durante as atividades de grupo, se tornando estratégia educativa abrangente que desenvolve múltiplas habilidades de forma integrada e prazerosa, alinhando-se aos objetivos da BNCC para a Educação Infantil.

A mediação de histórias também mobiliza os sentidos das crianças, proporcionando uma experiência rica e envolvente. Bettelheim (1980) argumenta que as histórias permitem que as crianças explorem diferentes emoções e enfrentem seus medos de maneira segura e simbólica. Essa prática é fundamental para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, ajudando-as a construir sua identidade e a compreender a complexidade das relações humanas.

Portanto, contar histórias é uma atividade essencial na Educação Infantil, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Ela fortalece habilidades que são fundamentais para o aprendizado e para a formação de cidadãos críticos e empáticos. Essa compreensão é vital para a criação de estratégias pedagógicas que respeitem e valorizem a individualidade de cada criança, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

A interação das crianças com as bibliotecas e o fortalecimento do hábito da leitura

A parceria entre a Biblioteca Distrital de Fernando de Noronha e a Biblioteca do Centro Integrado de Educação Infantil Bem-Me-Quer é um exemplo notável de como a colaboração entre instituições pode enriquecer a Educação Infantil. Semanalmente, o assistente de biblioteca e arte-educador, Gustavo Bezerra, realiza intervenções junto às crianças de quatro meses a cinco anos, com narrativas trazidas nos diversos gêneros textuais ou pela tradição oral, visando colocar o leitor como protagonista em atividades centradas na leitura literária.

Essas atividades são integradas ao planejamento pedagógico das professoras, seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares do Estado de Pernambuco para a Educação Infantil. A presença da equipe da Biblioteca Pública Distrital e as práticas leitoras desenvolvidas na instituição escolar são parte integrante da rotina semanal das crianças, proporcionando momentos de aprendizado lúdico e significativo. Além disso, as crianças participam do Projeto Criando Asas, realizado quinzenalmente na Biblioteca Distrital, ampliando ainda mais suas experiências literárias e culturais.

Essa parceria ilustra como a contação de histórias pode ser incorporada ao currículo escolar de maneira estruturada e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças. Por meio dessas atividades, as crianças têm a oportunidade de explorar novas ideias, desenvolver habilidades de comunicação e fortalecer sua identidade cultural e social. Segundo Negrão (1987), a biblioteca escolar, em harmonia com a docência, pode cooperar na formação do pensamento crítico, no gosto pela leitura e no hábito de utilizar a informação e os espaços de bibliotecas como motivação para a educação permanente.

A interação das crianças com os livros e as bibliotecas desde cedo é crucial para o desenvolvimento do hábito da leitura, que é fundamental para o processo de alfabetização. Goodman (1989) argumenta que a familiaridade com os livros e a leitura em voz alta são práticas que facilitam a compreensão e o prazer pela leitura, preparando as crianças para a alfabetização formal.

Nesse sentido, o acesso à biblioteca e a todo seu acervo é garantido tanto no CIEI Bem-Me-Quer quanto na Biblioteca Distrital. As crianças têm acesso ao acervo, tanto nos momentos realizados por Gustavo Bezerra quanto nos momentos realizados pelas professoras, que podem também levar os livros para as salas na unidade de Educação Infantil, oportunizando às crianças o acesso irrestrito aos livros e incentivando-as desde muito pequenas a uma educação patrimonial, na forma de manuseá-los e zelar por esse bem cultural.

As bibliotecas desempenham um papel essencial na formação de leitores e cidadãos críticos desde a infância. Com o trabalho por elas realizado, percebe-se uma maior circulação e aproveitamento do espaço na formação de novos leitores e no letramento literário. A parceria entre as bibliotecas exemplifica como a colaboração entre diferentes instituições pode potencializar os benefícios da leitura e oralidade – numa época em que os suportes digitais são uma distração recorrente na rotina de crianças – contribuindo assim para o desenvolvimento humano, de habilidades socioemocionais e para a construção de uma sociedade mais letrada e consciente.

Diante disso, a preservação e o fortalecimento das bibliotecas são fundamentais para garantir que futuras gerações continuem a ter acesso ao conhecimento, à literatura e à cultura. Investir em bibliotecas e em práticas leitoras é investir no direito básico do ser humano, promovendo a formação de cidadãos mais críticos, informados e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Biblioteca Municipal



Biblioteca do CIEE



Referências

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

FERREIRA, M. M. Políticas públicas de informação e políticas culturais: e as bibliotecas públicas para onde vão? *Transinformação*, Campinas, v.18, n.2, p.113-122, maio/ago., 2006.

GOODMAN, K. S. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E. e PALACIO, M. G. (org.). *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª edição / 12ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2007.

NEGRÃO, May Brooking. Da enciclopédia ao banco de dados: a biblioteca escolar e a educação para a informação. *Cadernos do CED*, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 87-112, jul / dez 1987.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



Fanzine: um gênero textual apaixonante

Isabella Bastos
Carminha Bandeira

Isabella Bastos - Estudante de Pedagogia da UFPE e ex-bolsista do Programa de Extensão Bibliotecas Comunitárias na UFPE
Carminha Bandeira - Membro do CEEL

Os fanzines

Segundo Henrique Magalhães, autor do livro “O rebuliço apaixonante dos fanzines” (2013), a definição de “fanzines” é:

[...] publicações de fãs ou aficionados por algum tema artístico, que se dirigem a outros fãs que tenham o mesmo interesse. São publicações amadoras, sem fins lucrativos, feitas geralmente de forma artesanal, em pequenas tiragens, que visam à liberdade de expressão de seus produtores, à troca de informações com o grupo, ao exercício artístico, à crítica e à divulgação da obra de novos autores (Magalhães, 2013, p. 54).

Na história periférica do gênero textual fanzine, seu uso por populações com poucos recursos e falta de acesso aos meios de comunicação convencionais é particularmente notável. Alguns temas são facilmente encontrados em publicações de zines: direitos humanos, justiça ambiental, igualdade de gêneros etc. Grupos de ativistas em áreas urbanas desfavorecidas, por exemplo, muitas vezes produzem fanzines para compartilhar experiências de suas comunidades sobre questões como violência policial e desigualdade econômica. Os fanzines oferecem uma plataforma acessível e independente para expressão criativa e troca de ideias, mesclando poesia, colagens manuais e relatos de experiência, além de traduções independentes de textos de outros países.

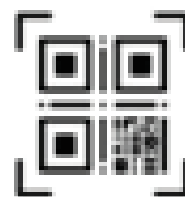
Um exemplo notável é a cena punk dos anos 1970 e 1980, época na qual os fanzines desempenharam um papel crucial na disseminação da música punk, na promoção de shows e na articulação de ideias políticas e sociais.

Muito apreciado no meio estudantil, esse tipo de jornal alternativo teve a oportunidade de brotar mais uma vez como veículo de comunicação espontâneo e criativo de registro e disseminação da informação, a partir da vivência dos sebos criados pela comunidade de amantes da leitura, gestado e nascido no CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem), UFPE. O CEEL atua com estudantes de Pedagogia e cursos afins, além de mediadores de leitura de bibliotecas comunitárias, o que resultou positivamente no Programa de Extensão Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas Bibliotecas Comunitárias.

O Sebo-zine

Os registros nas imagens do SEBO-ZINE que ilustram este relato de experiência retratam as marcas dos sebos solidários em prol da X Feira Territórios Interculturais de Leitura, realizada entre os dias 28 de novembro e 01 de dezembro de 2023: alto astral, alegria e tantas boas surpresas.

Assine o QR CODE para
acessar na íntegra as edições
do SEBO-ZINE.



O contexto

Ao todo, foram realizados três sebos, nos meses de agosto, setembro e novembro, com livros doados por uma extensa rede de apoiadores, o que permitiu que fossem vendidos a preços amigáveis, que cabiam no bolso dos estudantes, professores e demais leitores da comunidade da Várzea, Recife-PE. Os sebos aconteceram exatamente no início de cada mês, coincidindo com a data em que os estudantes recebem as bolsas e correm alegres para comprar os livros.

Devido ao caráter do seu “apaixonante rebuliço”, o sebo conseguiu conquistar um público de frequentadores fiéis, que comparece sempre com brilho nos olhos, ficando por ali um bom tempo à caça de seus tesouros, enquanto rola bate-papo, descontração e troca de impressões sobre as leituras e os autores. Já ouvimos de alguns que o sebo do CEEL é o melhor da redondeza. O seu acontecimento envolve uma grande mobilização capitaneada por Fatinha Dutra, com grande ajuda de Reginaldo Marques Pereira, que passam nas casas e nas bibliotecas fazendo a arrecadação dos livros. E, depois, outra equipe continua agindo na surdina: Maria Helena Dubeux, Carminha Bandeira, Ester Rosa, Ywanoska da Gama, Ana Cristina Penha, que lutam por conseguir espaço onde armazenar tantos livros, depois de fazerem a triagem e criarem alternativas de recuperação, antes de baterem o martelo do descarte.

Até que chega finalmente o dia do sebo, lugar de encontro presencial, livre e descontraído, voltado para a resistência da cultura leitora de livros impressos. Tudo segundo a magia do DIY (do it yourself ou faça você mesmo), porém são muitos braços e cabeças fazendo e agindo no sentido do mesmo objetivo.

São ricos momentos de encontros e bate-papos entre estudantes, coordenadores, professores, mediadores das bibliotecas comunitárias e demais frequentadores que se tornaram fãs do sebo, assim como o autor deste relato, que descobriu um livro antigo com registro de uma pesquisa cuja equipe ele havia integrado, sobre economia popular e solidária. Além disso, há improvisação de mediações, com registro imediato, no celular, em consonância absoluta com o espírito do zine, como foi o caso de Guara Rios, que realizou e registrou com o próprio celular o seu encantamento pelo reencontro com um livro que fazia parte de suas memórias afetivas de leitor; ou a chegada de poetisas e contadores de histórias, que param no seu tempo para dar o ar de suas graças e improvisam saraus, ou um sussurro poético; ou a palhaça Joaninha, com pequenos flashes do que pode acontecer na própria feira de leitura.

Toda essa riqueza poderia ter se dissipado, não fosse Isabella Bastos, amante da linguagem dos fanzines, que, a partir de sua participação presencial como bolsista no sebo que ocorreu em setembro, teve a ideia de registrar e produzir os SEBOS-ZINE. E não se esqueceu de contar para nós a história da criação desse “rebuliço apaixonante” que é o fanzine e de como ela própria teve a ideia de transformar o seu gato preto em mascote.

As edições



Figura 1: Capa do 1º SEBO

Figura 2: Capa do 2º

Figura 3: Capa do 3º SEBOZINE - Arquivo da autora SEBO-ZINE

As três edições do SEBO-ZINE são o retrato fiel dos sebos que ocorreram no ano de 2023. O grande destaque da produção deles foi o caráter remoto da comunicação, uma vez que a criadora do SEBO-ZINE só esteve presente no primeiro sebo, quando surgiu a ideia da criação, e depois precisou se ausentar por força maior de licença para cuidar da saúde. De longe, ela continuou produzindo, superando os desafios e os limites geográficos, técnicos e impostos pelo próprio tratamento de sua saúde. De onde estava, ela se fez presente, afirmando a natureza do fanzine e respondendo pela concepção, montagem e finalização, à medida que mandávamos daqui os textos e os links com as imagens.

Os SEBO-ZINE iniciaram sempre com uma apresentação que organizava o leitor com as informações necessárias: a indicação da Feira como objeto do zine e o convite para participar dela. Manteve nas três edições a seção Surpresas dos Sebos, trazendo histórias de pessoas que de alguma

maneira se relacionam com as feiras de leitura. Outra presença nos três zines foi o relato das feiras anteriores e, claro, também faziam propaganda... da Revista Literatura e Arte, produzida pelo CEEL.

A equipe de edição final e revisão, com a coordenação de Ester Rosa, e a soma das contribuições de Emília Lins, Ywanoska da Gama, Fatinha Dutra, entre outros, municiaram edições da Revista com os registros e a captação das imagens, registrando essa produção cultural, que chamamos de SEBO-ZINE.

Saiba mais!

FAÇA VOCÊ UM ZINE!

Como produzir um fanzine simples?



Acesse o QR CODE e libere sua criatividade!

Referências

MAGALHÃES, Henrique. O rebuliço apaixonante dos fanzines. 3ª edição. João Pessoa/PB: Marca de Fantasia, 2013.

CUNHA, Víctor B. B.; DE PAULA, Matheus C. The role of FanZines in the Brazilian protests of 2013. *Journal of Alternative and Community Media*, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 123-145, 2014.

Cenas de Leituras



Bebês leitores no CMEI

Prof. Paulo Rosas

Sobre a autora

Professora da Pós-graduação em Educação da UFPE e Coordenadora de Ações Pedagógicas do CMEI Prof. Paulo Rosas.

Ana Carolina Perrusi Brandão (UFPE/CEEL)

É relativamente recente a ideia de que os bebês são sujeitos de ação e de relação e que, desde o nascimento e, até mesmo antes dele, interagem com o mundo e fazem uma leitura das vozes e de outros sons que escutam, dos espaços, dos cheiros, do jeito como são tocados... Os bebês são, portanto, leitores do mundo antes de seus primeiros encontros com o livro. Além disso, vale lembrar que a literatura está presente na vida dos bebês não apenas por meio dos livros, mas também nas poesias de tradição popular, como nas canções de ninar e nos “brincos”.

Todo esse mergulho prazeroso na linguagem poética da literatura fortalece o vínculo afetivo dos bebês com seus educadores e contribui para o desenvolvimento da sua capacidade de simbolizar, fundamento para a construção do pensamento e do processo de formação desses pequenos leitores. Por tudo isso, o encontro dos bebês com os livros de literatura, permeados pela voz de quem lê e conversa com eles, a música, a brincadeira de faz de conta e o contato corporal precisam acontecer, desde muito cedo, como evidenciam as imagens a seguir.



“É hora da roda de história!” – A leitura compartilhada no Berçário.



“Agora eu escolho o que quero ler!” – A leitura livre no Berçário.





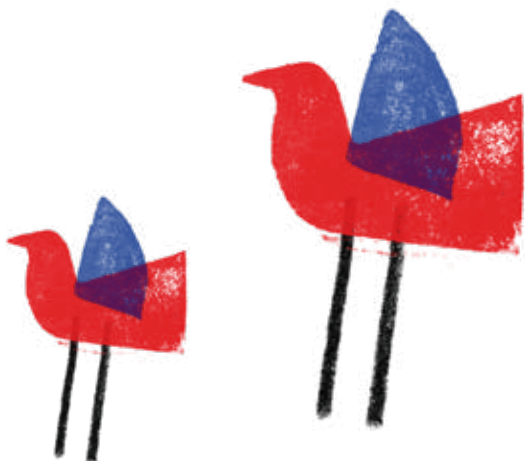
"Essa leitura é só pra mim!" – Diades de leitura no Berçário.



"Também quero ir para a biblioteca!" – O Berçário num ambiente cheio de livros.



"Também quero ir para a biblioteca!" – O Berçário num ambiente cheio de livros.





Sugestões de Atividades

Atividade → Movimentar o corpo com a bola

Rosália Santos

Objetivos

- Deslocar bolas no espaço, vivenciando diferentes noções de corporeidade: frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora, entre outros.
- Experimentar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois) a partir do brincar.
- Exercitar a coordenação motora, o equilíbrio corporal, a atenção, direcionamento e força.

Foco

Explorar o corpo em movimento a partir do uso de bolas, reordenando as posições dela em relação ao corpo. Desenvolvimento da noção corporal (imagem e esquema corporal).

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- vivência de novos sentidos e movimentos do corpo na manipulação do objeto bola;
- ampliação de noções de imagem corporal e de movimentos corporais (jogar alto, baixo, para o lado, chutar, usar as mãos etc.).

Articulação de aprendizagem com a Educação Infantil A atividade proporciona vivências próprias para o segmento, a saber:

- exploração de diferentes formas de se deslocar no espaço e de maneiras distintas de manipular objetos;
- realização de movimentos que propiciam consciência de limites espaciais e corporais, em relação ao seu próprio corpo, e ao corpo do outro;
- contato com a compreensão da imagem corporal;
- o desenho do corpo e de seus elementos (a partir da brincadeira e quando interessar à criança, não sendo obrigatório que ela desenhe com comando, respeitando o percurso do desenvolvimento gráfico de cada uma).

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita
A leitura pressupõe atribuição de sentidos, e nesta atividade a criança tem a possibilidade de observar a si e ao outro, analisar e debater em relação ao tema – movimento corporal com objeto – e socializar sua compreensão a partir da leitura de imagens. Assim, ela estabelece claramente as suas leituras do entorno e a leitura de produção visual.

As atividades de experimentação psicomotoras contribuem para a formação da noção corporal e o desenho concorre para o desenvolvimento da manipulação dos objetos de escrita e registro de suas ideias.

Procedimentos Material necessário: bolas.

- Escolher um espaço adequado que garanta a segurança integral da criança.
 - Espalhar bolas de diferentes cores e tamanhos na sala.
 - No primeiro momento, deixar que as crianças experimentem o uso das bolas, levantando suas hipóteses, buscando alternativas e explorando o corpo, o espaço e o movimento.
 - Em seguida pedir para que cada criança escolha uma bola e inicie a experimentação de movimentos.
 - Cada criança deverá ir demonstrando que movimentos ela mais gostou de realizar.
 - Sentar em roda de conversa. Distribuir no meio da roda diversas imagens de pessoas que brincam ou se utilizam de bolas em diferentes esportes. Caso se trate de uma sala de crianças pequenas, na pré-escola, solicitar que destaquem as formas diferentes da relação entre corpo e bola (usam mãos, pés, parecem saltar ou se agachar).
 - Lançar as questões: Você conhece alguém que joga bola? Na nossa escola temos espaços para jogar?
 - Entregar papel 40 quilos e lápis cera e convidar as crianças para desenhar sem dar um comando específico, só fazendo o convite: Vamos desenhar?
- Obs. 1:** durante todo o processo da brincadeira, a criança deverá sempre estar acompanhada de um adulto.
- Obs. 2:** observe como as crianças experimentam as bolas. Estimule e proporcione novas possibilidades de brincar com o objeto a partir do movimento corporal (jogar, chutar, chutar alto, baixo, chutar de lado, chutar para frente, caminhar ou correr para chutar, usar as mãos etc.).
- Obs. 3:** aproveite o momento para fazer registros fotográficos e escritos.
- Ao final, colocar as produções expostas na sala, no mural da turma, para apreciação de todos.

Atividade →

Brincando com folhas da natureza

Rosália Santos

Objetivos

- Explorar o ambiente pela observação e ação, manipulando, experimentando e fazendo novas descobertas.
- Nomear objetos, elementos da natureza, cores e texturas.
- Explorar elementos em expressões artísticas, sejam elas figurativas e/ou abstratas, a partir da observação dos elementos da natureza.

Foco Central

Experimentação a partir da observação e manipulação de elementos.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- experiências sensoriais dos diversos sentidos: tato, olfato, audição, visão;
- roda de conversa sobre os elementos da natureza que foram encontrados;
- estímulo à criatividade e à linguagem artística.

Articulação com o trabalho na Educação Infantil

A atividade atende:

- aos direitos de aprendizagem da criança, ao propiciar a exploração e a expressão;
- à possibilidade de escolher, selecionando itens, fruto da exploração, proporcionando o conhecimento de necessidade e preferências, levando à autonomia;
- à vivência de diferentes linguagens, desenvolvendo o senso estético e ampliação do vocabulário.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

Antes mesmo de escrever, de maneira mais formal, a criança deve experimentar o desenhar, recortar e colar, usar o pincel, organizando, ordenando e reordenando, avaliando e tomando decisões.

Uma possibilidade para as crianças em fase pré-escolar é ainda o uso dos jogos a partir da atividade, com o objetivo de nomear elementos, cores e texturas. Um deles é o No jardim (ou parque, ou horta) podemos encontrar... Dita essa frase, cada criança indica um elemento, que pode ser revelado oralmente, um a um, ou desenhado ou escrito a partir de suas hipóteses de escrita.

Procedimento

Material necessário: um quintal, jardim, parque ou uma horta tradicional, para a coleta de materiais.

Orientações:

- escolher um espaço adequado, que garanta a segurança integral da criança;

- inicialmente, deixar que as crianças experimentem o lugar, levantem suas hipóteses, busquem alternativas e explorem o espaço, o corpo e o movimento;

- distribuir várias caixas de diferentes cores e tamanhos para que sejam escolhidas por cada criança, para coleta de materiais;

- estimular a criança para que ela use a caixa para coletar folhagens, pedras, gravetos, flores;

- voltando para a sala ou para o espaço adequado para trabalhar, conversar sobre o que cada uma colocou na sua caixinha. Caso o trabalho seja com crianças pequenas, da pré-escola, brincar de nomear os elementos da natureza, perguntando sobre cores, odores, texturas;

- distribuir na sala papel madeira ou cartolina de diferentes cores para que a criança escolha com qual material quer realizar a sua produção. Uma segunda opção é a do trabalho coletivo, em um papel maior, para que todos trabalhem juntos;

- pedir para que cada criança arrume no papel os elementos da natureza de que mais gostou;

- entregar cola (bastão ou pote com pincel, dependendo da idade da criança) e orientar que as crianças cole os elementos escolhidos no papel. Nem todos os elementos vão colar facilmente. Deixar que a criança vivencie a dificuldade. Não resolver o problema para ela. Depois, com ela, ver outras opções: excluir o item? Colocar uma fita durex?

- ao final, expor os produtos em lugar onde ela, as outras crianças e os adultos possam ver.

Obs. 1: durante todo o processo da brincadeira a criança deverá sempre estar acompanhada de um adulto.

Obs. 2: durante a atividade, brinque com as crianças, estimulando e proporcionando novas possibilidades de perceber a natureza a partir dos diversos sentidos: tato, olfato, audição, visão, paladar e do movimento corporal.

Obs. 3: como opção de produção, podem construir um tapete sensorial com os elementos colhidos.

Obs. 4: caso consiga, passe um papel plástico transparente para dar mais firmeza à produção.

Obs. 5: aproveite o momento para fazer registros fotográficos e escritos.

Ao final, colocar as produções expostas na sala, no mural da turma, para apreciação de todos.

Atividade → História do nome

Maria das Graças Vital de Melo

Objetivos

- Reconhecer-se ao ser chamado pelo próprio nome.
- Ouvir a leitura de textos literários de forma ativa.
- Participar de roda de conversa, escutando e expressando sentimentos, emoções e ideias.
- Movimentar-se no espaço, seguindo as orientações do/a professor/a.

Foco Central

Contar a história do próprio nome.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- praticar a escuta ativa;
- experienciar a roda de conversa, exercitando a oralidade em grupo;
- pesquisar sobre a história e significado do próprio nome;
- utilizar a tecnologia para produção de um vídeo, resultado da pesquisa.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita
O desenvolvimento da capacidade atencional que está na base da aprendizagem, dentre outras coisas, da fala e da escrita.

Sobre esse tema, indica-se como referência:

FERNÁNDEZ, Alícia. A atenção aprisionada: psicopedagogia da capacidade atencional. Porto Alegre: Penso, 2012.

Procedimento

Orientações:

1: Sentadas em círculo, as crianças ouvirão uma história infantil lida pelo/a professor/a, que vai mostrando as ilustrações também. Uma sugestão é fazer a mediação do livro *De onde vêm os nomes?* de Ilan Brenman (Editora Moderna)

2: Após a leitura da história, o/a professor/a iniciará uma conversa sobre as impressões que as crianças tiveram da história: se elas gostaram, o que mais chamou a sua atenção, se conhecem pessoas que têm esses nomes etc.

3: Em seguida, cada criança dirá o seu nome, se tem um apelido e a forma que mais gosta de ser chamada. O/a professor/a pergunta se elas conhecem a origem de seus nomes e conversa sobre essa questão.

4: Como tarefa de casa, a criança deve fazer um vídeo no celular conversando com seus familiares (pais, tios, avós) para pesquisar a história de seu nome: quem colocou o nome, por qual motivo escolheu esse nome e não outro, o que ele significa.

5: A criança deve apresentar o resultado da pesquisa no encontro seguinte. Pode ser falando ou exibindo o vídeo, com a ajuda da professora.

6: Por fim, o/a professor/a pode fazer brincadeiras com os nomes das crianças. Exemplo: as crianças caminham pela sala e quando o/a professor/a disser o nome de uma delas, todos param como uma estátua e a única que continua caminhando é a que teve o nome pronunciado. Essa que não virou estátua vai passando entre as demais e tocando na mão delas, assim descongelando uma a uma. Todas voltam a caminhar e o nome de outra criança é falado. A brincadeira pode ser enriquecida com outros tipos de deslocamentos no espaço.

Atividade –

Livro em movimento

Vera Lúcia Rodrigues Patriota Silva

Instituição: Biblioteca Pública Municipal Maria Salomé Veloso da Silva – Carnaíba – PE

Objetivos

- Desenvolver a capacidade autônoma da leitura, tornando o/a leitor/a capaz de ler para recomendar ou recontar.
- Ampliar o repertório de leitura, desenvolvendo o processo de letramento e enriquecendo sua história de leitor/a.
- Dialogar sobre as obras nas rodas de leituras e nos seminários.
- Ler no ambiente familiar e fortalecer os laços afetivos entre pai, mãe e irmãos, por meio da contação de histórias.
- Participar ativamente dos saraus, do café literário e dos programas de leitura da biblioteca, desenvolvendo a sua autonomia como leitor/a e fazendo da leitura uma atividade cotidiana.

Foco

Estimular no educando o hábito e o prazer da leitura literária e da utilização das bibliotecas ao longo de sua existência.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

- democratizar o acesso ao livro, investindo na mediação da leitura literária;
- alimentar a imaginação do aluno, compartilhando leituras, oferecendo-lhe experiências de fruição e possibilidades de se familiarizar com as surpresas e as visões plurais reservadas pela linguagem literária.
- construir uma relação especial e forte dos alunos com a leitura prazer, revestida de fantasia e de alimentos para os sonhos.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

- Produção de BookTuber e Podcast com a obra literária lida.
- Realização de tertúlia literária com os clássicos da literatura.
- Melhoria no desenvolvimento da capacidade oral dos alunos entre si e com diferentes públicos (colegas de sua turma, de outras turmas, professores, pais e artistas convidados).
- Oralidade: círculos de leitura com obras da literatura brasileira.
- Oralidade: peça teatral com obras da literatura universal.

Articulação com o trabalho na Educação Infantil

- O Projeto fomenta o amor pela leitura desde a infância, por meio de atividades interativas, narração de histórias e apresentações teatrais.
- Os alunos ficam mais letrados, mais sensíveis e mais confiantes de suas capacidades.
- Melhoram os níveis de leitura e compreensão.

Procedimentos

Material necessário: bolas.

- O Projeto Livro em Movimento é vivenciado pelos mediadores de leitura da Biblioteca Pública Municipal Maria Salomé Veloso da Silva, em parceria com os mediadores de leitura das bibliotecas escolares do município de Carnaíba/PE, com a participação dos alunos da Educação Infantil e do Fundamental I e II.

1ª ETAPA

- Apresentação do Projeto, enfatizando sua relevância sociocultural, as expectativas e ações contempladas.

2ª ETAPA

- Visitas programadas à biblioteca pelos professores e alunos, para participarem dos momentos de mediação de leitura.

- Café literário com sabores variados: café com poesia, café HQ, café sabor popular. O leitor recebe o cardápio literário e faz o seu pedido. A biblioteca transforma-se num “café”: a coordenadora caracteriza-se de garçonne e serve os livros solicitados pelos leitores na bandeja, acompanhados com a xícara de café com o sabor preferido. Durante o evento, o leitor comenta sobre o autor, o enredo, expressa opinião, impressões e troca indicações literárias. Há também a presença de um escritor local ou regional, declamando, conversando e expondo a sua obra. Ao final do evento, as obras são disponibilizadas para empréstimo.

- Seminário entre as turmas: o seminário é sobre a obra lida em casa. É conduzido como uma conversa sobre o livro, dessas que temos quando queremos comentar um livro com amigos ou com pessoas que também já o leram, ou mesmo compartilhar partes que mais tocaram ou chamaram a atenção.

- Mala clássica / contemporânea: o aluno leva para a casa a obra literária e um brinde surpresa na mala. O livro deve ser lido em casa juntamente com a família. A socialização das leituras acontece na visita à biblioteca.

- Estabelecimento de parceria com a biblioteca pública para visitas, empréstimo de livro e participação de saraus.

- Festival de contação de histórias, a partir das leituras feitas na biblioteca e em casa. Há também a presença de familiares para compartilhar histórias.

- Roda de leitura na biblioteca com guia-leitor: realização de leitura contemplando poema, conto, crônica, HQ.

- Concerto de leitura, com a presença dos alunos na biblioteca declamando poemas, contando histórias, dramatizando os contos lidos, apreciando projeções e apresentações artístico-culturais.

- Visitas diárias à biblioteca para leitura prazer e empréstimo de livro. Cada aluno tem uma ficha na qual fica registrado o título do livro e autor. Ao final de cada mês, expõe-se um cartaz com a estatística do número de livros lidos por cada aluno.

3ª ETAPA

- Realização do festival literário de prêmios.

- Todos os alunos leitores envolvidos no Projeto são condecorados com o título de leitor/a e participam do sorteio de prêmios doados pela comunidade local.

Atividade –

Narrativas de griot: um encontro com oralidade

Millena Ventura, Natalia Andrade, Rejane Pereira e Telma Ferraz

Objetivos

A sequência didática tem o objetivo de contribuir para que as crianças desenvolvam habilidades de narrar histórias, utilizando recursos expressivos que favoreçam a interação por meio de podcast.

Procedimentos Material necessário: Equipamentos para a escuta de podcasts; narrativas em podcast.

Esta sequência didática intitulada “Narrativas de Griôs” foi planejada para favorecer o desenvolvimento da oralidade, através do gênero narrativa oral em podcast. Com o tema “Histórias de meu povo e da minha comunidade”, foram pensadas cinco aulas com foco central no ensino da linguagem oral, compreendendo a fala e suas relações com a escrita.

Nas cinco aulas, propõe-se que sejam realizadas atividades de pesquisa e conversas sobre as narrativas Griôs, exibição de vídeos com cenas de contação de histórias, escuta e análise de podcasts, culminando com atividades de escuta e registro de histórias da comunidade, planejamento e produção de podcasts com as narrativas coletadas.

Por fim, os estudantes deverão compartilhar os podcasts com a comunidade escolar.

Sugestões de leitura para saber mais sobre o tema:

ALMEIDA, Angélica Ferraz de. Griôs do Senegal: memória, linguagem e poder no ofício dos mestres da palavra (1960-1980). Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 06, n. 06, out./mar. 2016.

BOKAR, Tiermo. Pensamento. In: CRUZ, Carla Ferreira. Refletir & ecoar: patrimônio cultural e religiões afrobrasileiras : uma experiência comparada / Carla Ferreira Cruz, Danielle Alves de Sousa e Vanda de Oliveira Gomes Pinedo. — Florianópolis : Iphan/PA, 2018.

LEAL, T. F. Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola: o oral em documentos curriculares, livros didáticos e na prática docente. VEREDAS - REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS. , v.26, p.26 - 51, 2022

Aspectos relevantes para o trabalho educativo

A atividade possibilita:

Desenvolvimento da oralidade, sobretudo das habilidades de produção de narrativas, assim como da escuta atenta. Também possibilita a formação humana das crianças e o fortalecimento de suas identidades sociais.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

Narrativa oral é um gênero que tem por finalidade o compartilhamento de experiências, a fim de preservar a memória individual e coletiva, conhecimentos, valores e a expressão da identidade cultural.

Na África Ocidental, há os contadores de história, denominados Griôs, que remetem a uma África ancestral, anterior às formas de comunicação moderna. Eles produzem narrativas orais. Segundo Almeida (2016), “é uma casta de contadores de história calcados na tradição oral e na memória coletiva e genealógica de seu grupo. Operam transmissão de saberes. São os únicos transmissores da história.”

A identidade Griô é formada pelo instrumento musical (chamado kora) que, juntamente com as palavras, poesias e músicas, encantam com suas narrativas. Para Almeida (2016), a função social dos Griôs está alicerçada na tríade memória, ancestralidade e passagem.

Em nossa cultura, não há um mestre ou uma mestra que seja reconhecido/a oficialmente por desempenhar tal tarefa. No entanto, os/as mais velhos/as da comunidade carregam consigo suas experiências, que podemos equiparar à dos Griôs. Dessa forma, são sugeridas vivências de interações intergeracionais nesta proposta de atividades, que objetivam suscitar o conhecimento da identidade, do território e da ancestralidade dos/as estudantes.

Essas práticas são predominantemente orais, mas a proposta didática descrita tem interfaces com a leitura e a escrita, pois estão propostos produtos a serem construídos pelas crianças, que são os podcasts. Para o planejamento desses produtos, recomenda-se a vivência de atividades de construção de cronograma de trabalho, lista de ações para a construção dos podcasts, assim como o registro escrito das narrativas orais em situações de produção coletiva de textos.

Articulação com o trabalho na Educação Infantil

A sequência proposta pode ser desenvolvida em diferentes etapas escolares, sendo necessário, no detalhamento do planejamento, selecionar vídeos adequados à faixa etária da turma.

É uma proposta adequada à Educação Infantil, pois colabora para o desenvolvimento da oralidade em rodas de histórias, tendo o desdobramento para a produção dos podcasts, com a mediação da/do professor, para serem socializados com a comunidade escolar, sobretudo as famílias das crianças.



Lugares para visitar

Prças Públicas

Maria das Graças Vital de Melo

Por que visitar?

As praças públicas são importantes espaços de convivência, socialização e lazer para a população de uma cidade. Muitas delas são pontos turísticos importantes e contam a história de um povo, expressando seus valores religiosos, ambientais, políticos, artísticos e sociais. Elas desempenham diferentes funções culturais – que se modificam com o tempo, sem perder o senso de coletividade –, como o convívio social, a integração entre as pessoas, a promoção de práticas esportivas e de lazer, a realização de manifestações religiosas e políticas, a apresentação de festas identitárias e populares, como festas juninas, natalinas, dentre outras.

No Brasil, os primeiros espaços livres, públicos e urbanos surgiram ligados à Igreja Católica. As praças eram construídas no entorno das igrejas e rodeadas por prédios públicos, por residências de luxo e pelo comércio principal da cidade. A configuração e as funções das praças foram se modificando com o tempo. Tanto a localização das praças como os projetos paisagísticos foram assumindo características mais adequadas às necessidades e ao desenvolvimento científico, cultural e tecnológico das sociedades.

Nas últimas décadas, considerando a importância de as crianças ocuparem as praças – garantindo seu direito à saúde, educação e lazer –, o poder público tem investido na criação de praças temáticas voltadas à população infantil – ou construção de playgrounds nas praças já existentes. Esses locais constituem espaços de convivência, lazer e desenvolvimento infantil, proporcionando atividades ao ar livre e contato com a natureza em ambientes seguros e divertidos, com brinquedos, instalações para atividades esportivas, áreas verdes, locais para atividades culturais.

O que observar?

Ao visitar as praças de sua cidade, inicie observando sua localização, o que tem no entorno na praça: residências, lojas, igrejas, hospitais, escolas, prédios públicos? Observe também a arquitetura paisagística desses espaços públicos: coretos, chafarizes, esculturas, placas informativas, quadras poliesportivas, pistas de

patinação, ciclovias, área verde, árvores com sombra, jardins. Além disso, observe a biodiversidade vegetal da praça e os tipos de animais que habitam esse espaço. Preste atenção também em como as pessoas se relacionam com a natureza, se é de forma sustentável. Procure saber o que está escrito nas placas de sinalização e nas informativas. Veja se há bebedouros e banheiros públicos para atender às necessidades da população e melhorar a higiene dos frequentadores; presença de bancos e mesas para descanso, lixeiras e iluminação adequada. Observe principalmente o playground: os brinquedos instalados, seu estado de conservação e a segurança para as crianças também.

Para apreciar:

Praça Eça de Queiroz
Madalena - Recife - PE



Fonte: <http://www.portaldeducacao.recife.pe.gov.br/groups/prefeitura-do-recife-entrega-s-tima-pra-da-inf-ncia>

Praça das crianças
Camaragibe - PE



Fonte: https://www.google.com/search?q=brinquedos+para+crian%C3%A7as+nas+pra%C3%A7as+de+recife&scv=13134d05f9161faa&rlz=1C1EJFA_



Parque Dom Aloísio Lorscheider
Itaperi - Fortaleza - CE



Fonte: <https://www.casacivil.ce.gov.br/2022/03/28/inaugurado-onde-funcionou-antigo-ippoo-parque-dom-aloisio-lorscheider-representa-liberdade-e-lazer-para-fortalezenses/>

Parque infantil na Orla de Atalaia
Aracaju - SE



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Parque-Infantil-na-Orla-de-Atalaia-Fonte-Priscila-Pereira_fig4_280743020

Para refletir

- Que questões devem ser consideradas em relação à construção de praças temáticas para as crianças?
- Quais as potencialidades das praças temáticas para a formação integral da criança que as frequenta?

Praça Euclides Dourado
Garanhuns - PE

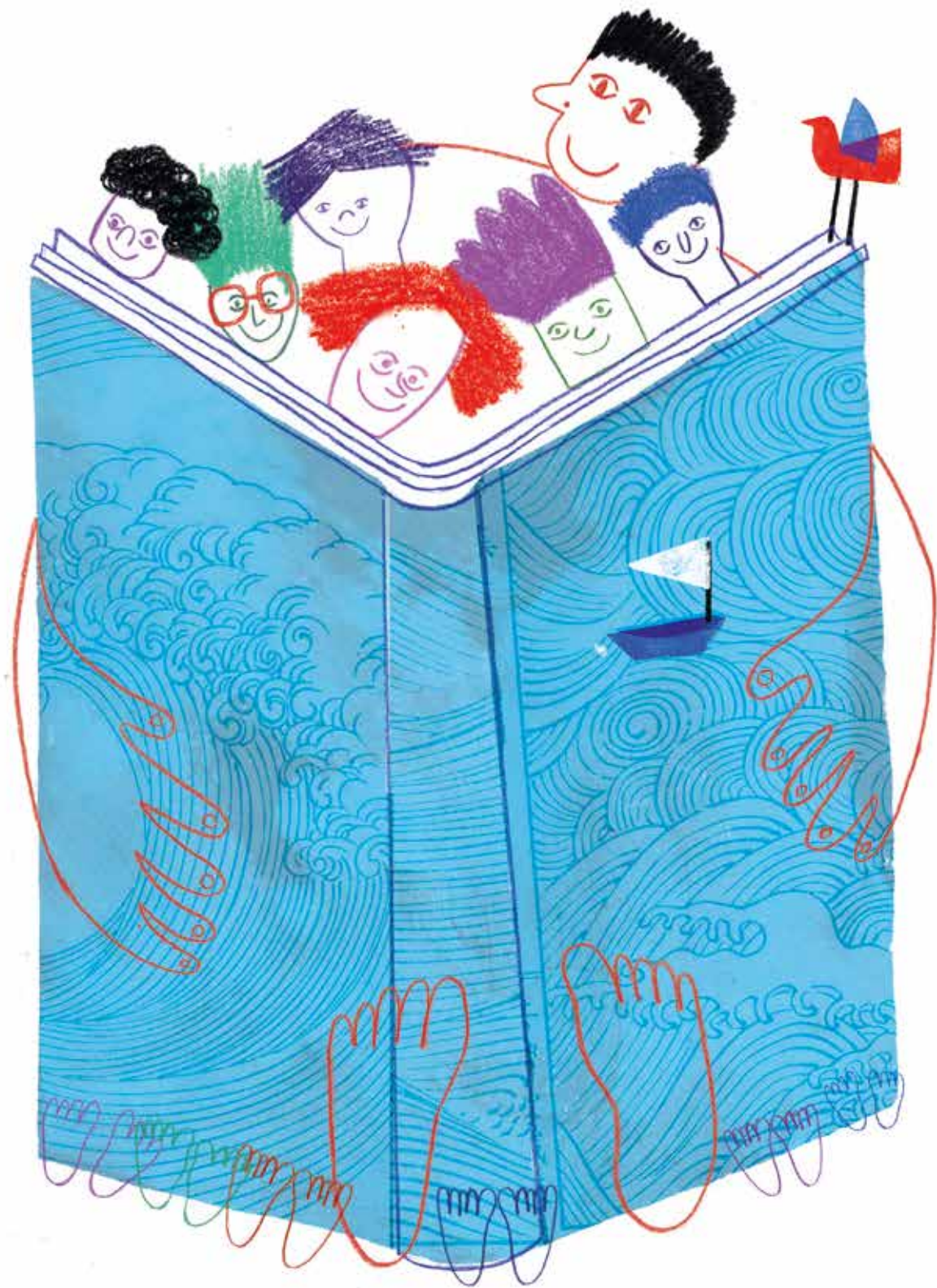


Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g793397-d2386518-i131982462-Parque_Euclides_Dourado_Parque_dos_Eucaliptos-Garanhuns_State_of_Pernamb.html

Maiores informações:

- <https://www.archdaily.com.br/1004199/sao-paulo-ganha-praca-projetada-para-criancas-na-primeira-infancia>
- <https://urban95.org.br/pracas-e-parques-para-criancas-na-primeira-infancia/>
- <https://educacaointegral.org.br/metodologias/como-integrar-e-utilizar-o-potencial-educativo-das-pracas/>
- <https://outracidade.com.br/espacos-de-brincadeira-conectam-as-criancas-com-as-ar>





Biblioteca: eu recomendo

A biblioteca na unidade acadêmica de educação básica-UFCG

Ângela Maria Alexandre Ramalho-UAEB/CAP/UFCG

O contato e a familiarização de crianças pequenas com textos literários favorecem experiências lúdicas e prazerosas, permeadas pelo encantamento, fantasia e imaginação, cumprindo assim o papel essencial da literatura: “Mensagem de arte, beleza e emoção” (Góes, 1991, apud Brandão; Rosa, 2005, p.48). Nesse sentido, defendemos o direito das crianças das instituições de Educação Infantil ao acesso a um acervo literário diversificado e de qualidade em suas salas de referência e em ambientes organizados especificamente para esse fim, como as bibliotecas e salas de leitura. Apresentamos neste texto a experiência da Unidade Acadêmica de Educação Básica/Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Campina Grande (UAEB/CAP-UFCG), com a organização e o uso de seu acervo literário na biblioteca.

Desde sua fundação, em 1978, a UAEB/CAP preocupou-se em construir um acervo literário, ainda que não contasse, nesse momento inicial, com uma biblioteca. Tal acervo era cuidado pela equipe pedagógica. Com o aumento no quantitativo de obras, decorrente de doações, bem como com políticas públicas voltadas para aquisição de livros literários – como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) –, surge a necessidade de um espaço próprio e profissional específico responsável pelo cuidado e organização de atividades, como leitura/contação de histórias e distribuição de livros para as salas de referência. Em 2010, esse espaço foi reorganizado e passou a desenvolver projetos e diversas atividades envolvendo toda a comunidade escolar (Fonseca; Lima; Ramos, 2023).

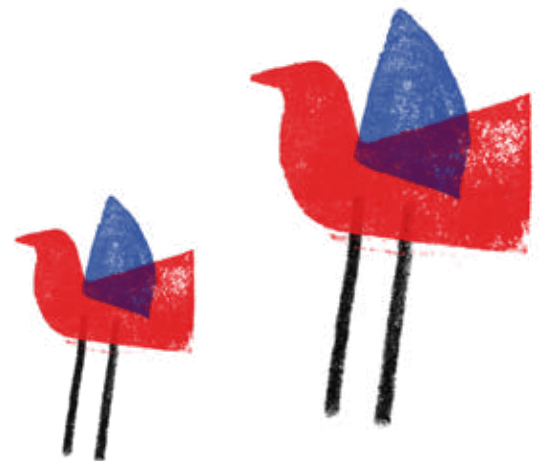
Das ações desenvolvidas pela equipe da UAEB/CAP que envolvem o uso da biblioteca e a exploração do universo literário infantil, destacam-se projetos de formação de mediadores de leitura, tendo como público-alvo principalmente professores; restauração de livros danificados, envolvendo crianças da pré-escola, famílias e professores; leitura e contação de histórias; leitura e recitação de poemas (“Hora poética”); Festa literária realizada anualmente; e a ação contínua de empréstimo de livros. Também são da biblioteca os livros que os professores usam para organizar os “Cantinhos de leitura” em cada sala de referência. Esses livros são

emprestados diariamente para todas as crianças, desde o grupo 2 (crianças de 2 anos) até as que estão no último ano da Educação Infantil: o grupo 5. Atualmente, os professores são responsáveis pelo registro de devolução e empréstimo, de forma que, ao final do ano, eles têm a possibilidade de mapear as obras literárias preferidas das crianças de seu grupo e a frequência de empréstimo de cada uma.

Ao finalizar este breve relato das ações desenvolvidas na e pela biblioteca escolar da UAEB/CAP, destacamos a importância que esse espaço tem sido para o desenvolvimento das crianças pequenas enquanto sujeitos participativos, críticos e criativos, não só “consumindo”, mas também produzindo literatura.

É comum na instituição a prática de produção coletiva de textos e, mais recentemente, a biblioteca ganhou mais uma obra para seu acervo. Trata-se da obra produzida por crianças do grupo 3 (3 anos de idade), o livro “Abelha, mel e cocada”, um dos frutos do Projeto “Abelhas são mundos”, desenvolvido pela turma no ano de 2023. O livro teve seu lançamento em julho de 2024, com direito a tarde de autógrafos com seus principais autores: as crianças. Seguimos acreditando no direito de cada criança à cultura e à dimensão estética proporcionadas pela literatura e defendemos o espaço escolar da Educação Infantil como uma das principais responsáveis pela garantia desse direito.





Referências

BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. Literatura na alfabetização: que história é essa? In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (org.). Leitura e produção de textos na alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 45-64

FONSECA, M. L. S.; LIMA, M. B. S.; RAMOS, M. B. A biblioteca da UAEI: um espaço vivo e interativo para a livre exploração da criança. In: SOUZA, R. G. P.; SOUSA, G.L; MORAIS, N.C.F; LIMA, T.O. (Org). Da creche ao colégio de aplicação: as crianças em cena há 45 anos na UFCG. Campina Grande: EDUFCEG, 2023. p.59-75. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/257> Acesso em: 20 jun 2024.

SOUZA, G. L.; MORAIS, N. C. F.; LIMA, T. O. (org.). Da creche ao Colégio de Aplicação: as crianças em cena na UFCG há 45 anos. Campina Grande, PB: EDUFCEG, 2023.

SOUZA, R. G. P.; RAMALHO, A. M. A. et al. (org.). Abelha, mel e cocada. Campina Grande, PB: EDUFCEG, 2023, 22p. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/295>

Resenhas



Uma história atrapalhada

(Gianni Rodari;
Alessandro Sanna)

Telma Leal

Quem nunca contou a mesma história dezenas e dezenas de vezes para a mesma criança, repetindo, repetindo, repetindo?

- Conta uma historinha?

- Agora? Estou ocupada.

(5 minutos)

- E agora, dá pra contar?

- Ainda não, dá pra esperar?

(5 minutos)

- Já esperei! Conta agora!

- Era uma vez um gato xadrez, pulou o muro e caiu outra vez.

(...)

- Assim não vale! Conta, vai, conta... Conta da Chapeuzinho?

- Chapeuzinho verde? Amarelo? Negro? Vermelho??? Pra onde vai esse Chapeuzinho? Vai pra praça ou pro mercadinho? Ou pra casa do vovozinho? Vai levar um bolinho? Ou um chicletinho? Ou quem sabe, um jornalzinho?

Essa é a minha historinha. Quanto à de Gianni Rodari e Alessandro Sanna, vou deixar para você ler.

A história vai sendo contada numa narrativa que é de fazer rir, é pra desmontar e para sair do lugar. É uma história para crianças e para adultos, como toda boa literatura.

É uma crônica sobre os adultos diante do desejo insaciável das crianças pelas histórias. &

Anne com E

(Lucy Maud Montgomery)

Telma Leal

Uma sociedade preconceituosa é a moradia de Anne desde que foi deixada em um orfanato, ainda bebê. A ruivinha que não aceitava a “estranheza” de seus cabelos avermelhados e sardas no rosto transforma-se em uma mulher sonhadora, criativa, curiosa e encantadora, que passa pelas dores da rejeição e do desrespeito.

Mas não é só Anne que representa a voz dos excluídos. Ka'kwet, a pequena menina arrancada de uma comunidade indígena, sofre a violência da catequização em uma “escola” cristã. Mary e Sebastian Bash sofrem o desprezo do racismo. Jerry, personagem quase invisível, sofre o descaso do preconceito de classe social. Cole, artista gay, sofre a violência da homofobia. Miss Stacy, Prissy, Diana e todas as mulheres da série enfrentam o machismo avassalador da época. Dores que matam desejos e planos, que deixam marcas na vida.

Mas essa é uma história de esperança. A adoção – que provoca medo e repulsa nos moradores daquela vila – é a salvação de Anne, que enche de alegrias o cotidiano de Matthew e Marilla Cuthbert, dois irmãos maltratados pelos desencontros da vida.

Conto de fadas? Pode ser!

Anne é uma fada que faz grandes problemas sociais parecerem mal-entendidos que podem ser superados quando as pessoas compreendem os verdadeiros milagres da vida.

Infelizmente, há mais que pequenos mal-entendidos entre nós, seres humanos. Nosso mundo não é Avonlea. Mas as histórias servem também para nos deslocar da realidade, para imaginarmos um mundo novo.

“Imagine all the people / Living life in peace...”

Baseada em uma antologia de Lucy Maud Montgomery – “Anne of Green Gables” –, publicada em 1908, é uma série que abre leques de esperança na humanidade.

Sonhar é preciso! &

Um pouco de humor e apurando o olhar

Por Beatriz de Barros de Melo e Silva



Nossa homenagem a Ziraldo!

Ziraldo



Fonte: <https://quadrinhos.com/2024/04/08/obrigado-ziraldo/>



Fonte: <https://minilua.net/menino-maluquinho-faz-30-anos-relembre/>



Fonte: <https://www.espacoeducar.net/2010/08/45-tirinhas-do-menino-maluquinho.html>



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/6273749>

Apurando o olhar

FOTOMONTAGEM



Crédito: Ugur Gallenkus

Montagem de foto em que um palestino ajuda filha e sobrinha a tomarem banho, em apartamento destruído em Gaza.

Do lado esquerdo, o palestino Salem S. ajuda a filha Layan e a sobrinha Shaymaa a tomarem banho, em meio ao que restou da casa da família, na Faixa de Gaza, depois dos bombardeios de Israel, em 2015. Do lado direito, também uma banheira, em uma casa luxuosa, com piso e azulejos de mármore e toalhas caprichosamente dobradas. O artista digital turco Ugur Gallenkus criou a montagem sobre a foto de Wissam Nássar.

Em outra colagem, não menos impactante, do lado esquerdo, uma criança brinca sobre uma gangorra, em uma área de grama verde. Do lado direito, um garoto sírio posa sentado sobre o canhão de um tanque de guerra destruído, na Síria, em uma foto feita por Yasin Akgul.



O artista digital turco não se considera fotógrafo. “Em meus trabalhos, compartilho fotos de diferentes fotógrafos com suas histórias. Eu me descreveria como um artista de colagens. Atualmente, meu trabalho tem uma técnica muito simples. Você traz duas fotos diferentes, lado a lado, e as separa com uma linha fina. É claro, trata-se de algo tão difícil quanto simples, porque leva tempo encontrar fotos que se complementem”, disse. A primeira coisa que Gallenkus faz é encontrar a foto ideal que retrate um determinado problema, para o qual ele deseja chamar a atenção. “Os temas são sobre conflitos e guerras; refugiados; direitos de mulheres, crianças e animais; problemas ambientais; e desigualdade de renda”, observou. Depois, Gallenkus inicia o processo de encontrar a foto que se “case” ou se “encaixe” com a imagem jornalística. Às vezes, leva alguns minutos, às vezes dias, ou mesmo semanas.



Balões nas mãos e dois mundos à parte: à esquerda, garoto sírio, durante a guerra; à direita, menina em Paris (foto: Arte de Ugur Gallenkus sobre foto de Amer Almohibany)

Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2023/08/5114278-artista-turco-retrata-universos-paralelos-entre-criancas.html>

INFÂNCIA RETRATADA



Christophe Stephan Durand, Amor incondicional, 2020. Óleo sobre tela, 46 x 37 cm
Fonte: <https://www.artmajeur.com/pt/magazine/5-historia-da-arte/criancas-na-arte/331828>



Yuriy Kraft, ***Janela III***, 2021. Escultura, metal / barro sobre metal, 26 x 20 x 20 cm.



Denise Souza Finney, Aulas de playground de aros educados, 2021. Acrílico sobre madeira, 61 x 61 cm.



"Hoje vai ter uma festa de 5 anos" é uma das obras da exposição de Emiliano Freitas, na Vila Cultural Cora Coralina | Foto: Reprodução/ Secult Goiás

A exposição "O muito que sobrou", do artista Emiliano Freitas, será aberta ao público de Goiânia, na sexta-feira (18/2), às 16h, na Vila Cultural Cora Coralina. A mostra marca o início da temporada 2022 do espaço no Centro da capital e fica em cartaz até 31 de março. Assim, a visitação é gratuita e acontece de segunda a sexta-feira, sempre das 9h às 17h.

Fonte: <https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/mostra-de-emiliano-freitas-abre-temporada-da-vila-cultural-cora-coralina/>

JÁ VIU CENAS COMO ESTAS?



Salão de Beleza – Norman Rockwell - 1962
Fonte: https://www.flickr.com/photos/x-ray_delta_one/15362644681/in/album-72157621991259423/



Menino com lagartixa - Lasar Segall - 1924
Óleo sobre tela, 98 x 61 cm
Museu Lasar Segall, São Paulo
Foto de Peregrina Cultural
Fonte: <https://ar.pinterest.com/pin/205617539236937896/>



Quintal- Roberto Ferrari - 2013, Óleo sobre tela.

Foto: Tina Carvalhães

Fonte: <https://www.artmajeur.com/ricardoferrariartista>. Acesso em: 26 out. 2023.
<https://www.guiadasartes.com.br/ricardo-ferrari/obras-e-biografia>



Atalho – Jane Dedecker
Escultura em bronze – Jardim de esculturas.
Choice Sculpture Garden, Chalfont, PA.
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/752875262681918856/>

DESAFIOS

Encontre Rudá na foto...
Rudá é um menino de 4 anos. Vem de uma família nordestina, mas mora no Rio Grande do Sul.



Foto de Amanda Sena

E Pablo... onde estará?



Foto de Ana Cristina Penha

Revista Especial

Revista Especial Revista Especial Lançamento na X Feira de
Leitura do Centro de Educação da UFPE.

A Revista foi composta em Fira Sans e Kumar One, projetadas por
Carrois Apostrophe e Indian Type Foundry, respectivamente.



REALIZAÇÃO:



CEEL 20
CENTRO DE ESTUDOS
EM EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Leitura e Escrita
na Educação Infantil

Compromisso
Nacional
Criança
Alfabetizada

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

